



N'esta triste consoada do Natal, os que se batem pela Patria tambem ocupam o seu logar á meza

(Desenho de Ferrelra da Costa).

II série—N.º 566

ILUSTRAÇÃO

PORTUGUEZA

Lisboa, 25 de Dezembro de 1916

Portugal, colonias portuguezas e Hespanha

Assinatura Trimestre, 1\$20 ctv. — Semestre, 2\$40 ctv. — Ano, 4\$80 ctv. —

Numero avulso, 10 centavos

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA

Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.

Numero avulso em todo o Brazil, 600 réis

EDICÃO SEMANAL DO JORNAL «O SECULO»

Editor — JOSÉ JOUBERT CHAVES



Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anonima de respons. limit.

Ações.....	280.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisa- ção.....	296.400\$000
Réis.....	950.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobrelrinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã), Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do palz e é fornecedora exclusiva das mais importantes comp panhlas e empresas nacionaes.

ESCRITORIOS E DEPOSITOS:

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276
PORTO — 49, R. de Passos Manoel, 51

Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. Numero telefonico Lisboa. 605—Porto. 117



Perfumaria Balsemão
141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Modo de destruir o Germen da Caspa POR UM ESPECIALISTA

E' sabido e notorio que o germen da caspa é responsavel por quasi todas as afecções do couro cabeludo, assim como pela calvicie e pelo aparecimento p-ematuro dos cabelos brancos; e se acrescentarmos que tambem é, ainda que indirectamente, responsavel por muitos casos de defluxo, bronquite e tuberculose, qualquer agente que lhe destrua o seu poder malefico será de uma importancia enorme. Assim, nós temos o prazer de publicar por este meio, a receita que um eminente homem de ciencia e especialista fez, depois de longas e repetidas experiencias e largo estudo, para destruir completamente o germen da caspa com uma a tres applicações. Esta receita pode ser feita em casa, da maneira seguinte: Pede-se n'uma farmacia 50 gramas de alcool a 90°, 7 decigramas de Mentol cristalizado, e 45 gramas de agua destilada, devendo misturar-se tudo isto n'um frasco de capacidade de umas 125 gramas. Em outro frasco pede-se 30 gramas de Lavona de Composée, e metade d'este ultimo preparado deve juntar-se aos outros ingredientes do outro frasco cerca de meia hora antes de usar da loção, tendo o cuidado de agital-a bem. Aplica-se de manhã e á noite, durante dois dias, friccionando bem o couro cabeludo, com as pontas dos dedos; e a outra metade da Lavona de Composée é então deitada no frasco maior. Este preparado não é tintura, mas não tem rival, em favorecer o crescimento do cabelo novo e em restaurar ao cabelo grisalho a sua cor natural.

Advertencia.—A loção não deve ser applicada onde não se deseja que haja cabelo, e tambem deve haver todo o cuidado em evitar tonicos que contem o venenoso alcool industrial.

TELEPH. Nº 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLOSAL SORTIMENTO
Rua do Ourá, 281 JOAQUIM N. ALVES
LISBOA

Henri Manuel
PHOTOGRAPHO D'ARTE
27, Rue du Faubourg Montmartre
Agencia Internacional de Reportagem
As mais importantes coleções de retratos de altas personalidades

REMÉDIO FRANCEZ
o mais antigo conhecido contra a
PRISÃO DE VENTRE
INVENTADO em 1802
VERDADEIROS
Grãos de Saúde do Dr Franck
(Véritables Grains de Santé du Dr Franck)
Em todas as Pharmacias e Drogarias.
DEPOSITARIO:
J. DELIGANT, 15, R. dos Sapateiros, LISBOA

Candido Augusto da Costa Lt. da

COMMISSÕES E CONTA PROPRIA

FABRICA NACIONAL DE Tintas Tipographicas

VERNIZES E MASSAS PARA ROLOS

Fornecimento de todo o material para as artes graphicas

Papel para impressão de jornaes em todos os formatos

FABRICA: Rua da Cascalheira n.º 18, a Alcantara

ARMAZENS: Calçada do Cabra, n.º 7

ESCRITORIO: Rua Jvens n.º 70

REPRESENTANTE NO PORTO:

Guilherme Martins Coelho—Rua Victoria, 56

Unicos representantes em Lisboa da casa
ARCADIO D. DE CORCUERA & C.^a, d.º Bilbao, fornecedores de material typographico.



Ideia que atravessa os cerebros:
«Não ter cabellos brancos!»

A JUVÉNIA

restitue aos cabellos a côr primitiva
sem nenhum dos inconvenientes das tinturas.
Não contem nitrato de prata. Elimina a caspa.
Não mancha a pelle. Fortalece os cabellos.

E' deliciosamente perfumada

FRASCO, 800 RÉIS

PERFUMARIA DA MODA

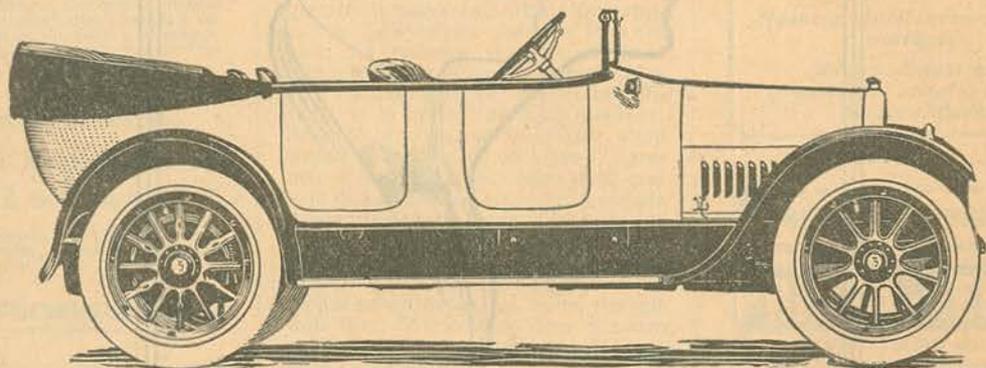
(Antiga casa "AU BONHEUR DES DAMES")

5, RUA DO CARMO, 7—LISBOA

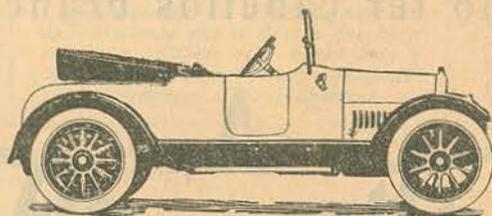
CADILLAC

8 cilindros — Tipos de 1917

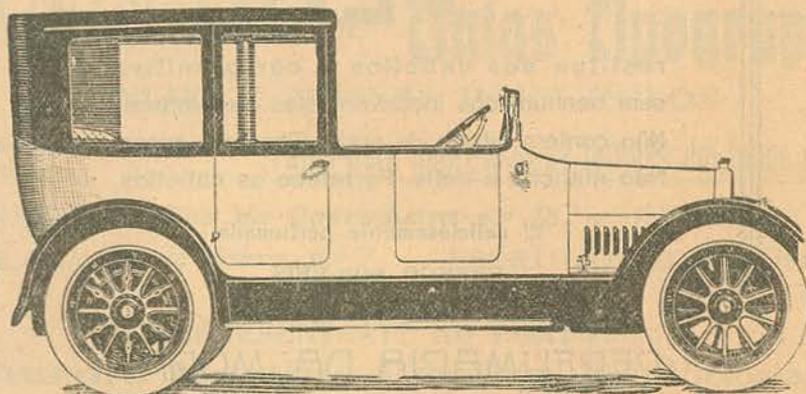
TIPO 55



CADILLAC — Torpedo 7 logares



CADILLAC — Roadster 4 logares



CADILLAC — Standard Limousine



COM GUERRA OU SEM GUERRA

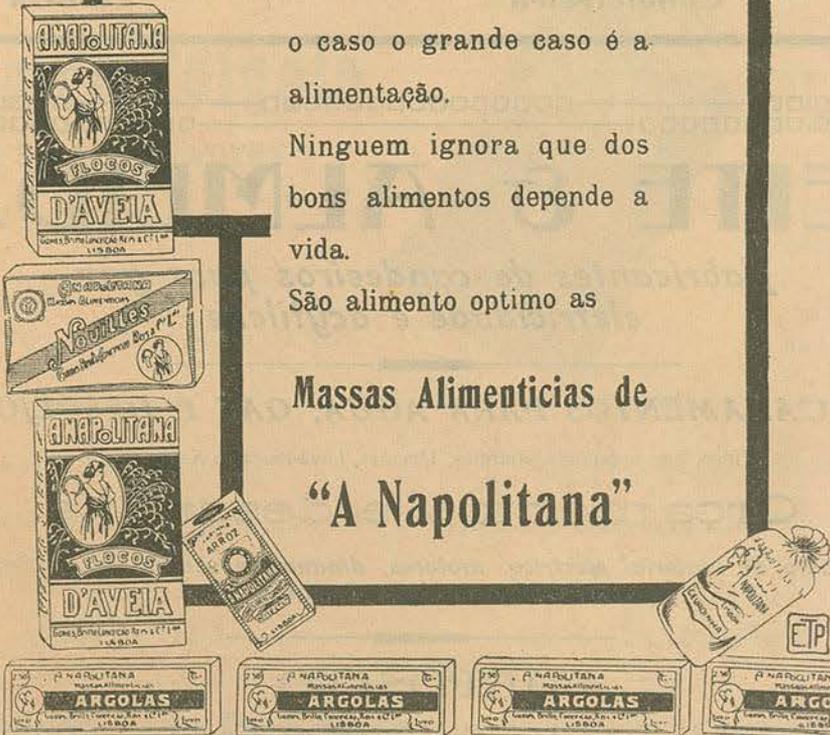
o caso o grande caso é a
alimentação.

Ninguém ignora que dos
bons alimentos depende a
vida.

São alimento optimo as

Massas Alimenticias de

“A Napolitana”



EIP

A Flôr de Ouro

CHEGOU NOVA REMESSA DA

Água Flôr de Ouro

Para tingir e evitar a queda do cabelo

A Flôr de Ouro é a melhor de todas as tinturas progressivas tanto para o cabelo como para a barba, obtendo o «Castanho claro», «Castanho escuro» e «preto». Não mancha a cutis nem suja a roupa; o cabelo conserva-se sempre fino e brilhante como no tempo juvenil. Cura a caspa, evita a queda do cabelo e fortalece as suas raízes. Preço 1\$70. Pelo correio 1\$80.



Cabelo Louro

Usae a Flôr de Ouro franceza que é a unica que pinta os cabelos brancos, ficando como fios de ouro, macio e formoso, como no tempo juvenil. Preço 1\$70. Pelo correio 1\$80.

A' venda em todas as perfumarias, drogarías e farmacias.
Agente para Portugal e colonias:

F. L. MATEUS

RUA DO NORTE, 34, 1.º

Cabeleireira

A MELHOR PASTA DENTIFRICA



Para a hygiène da boca e conservação dos dentes

Vende-se em toda a parte

AGENTE EM PORTUGAL

F. L. MATEUS

RUA DO NORTE, 34, 1.º

LISBOA

LEITE & ALMEIDA

Fabricantes de candeeiros para gaz, electricidade e acytilene

ENCANAMENTOS PARA AGUA, GAZ E DESPEJOS

Tinas, Esquentadores, Retretes, Urinoes, Lava-louças e Autoclismos

Orçamentos e desenhos

Deposito de material electrico, motores, dinamos e ventoinhas — Artigos para consultorios e laboratorios medicos

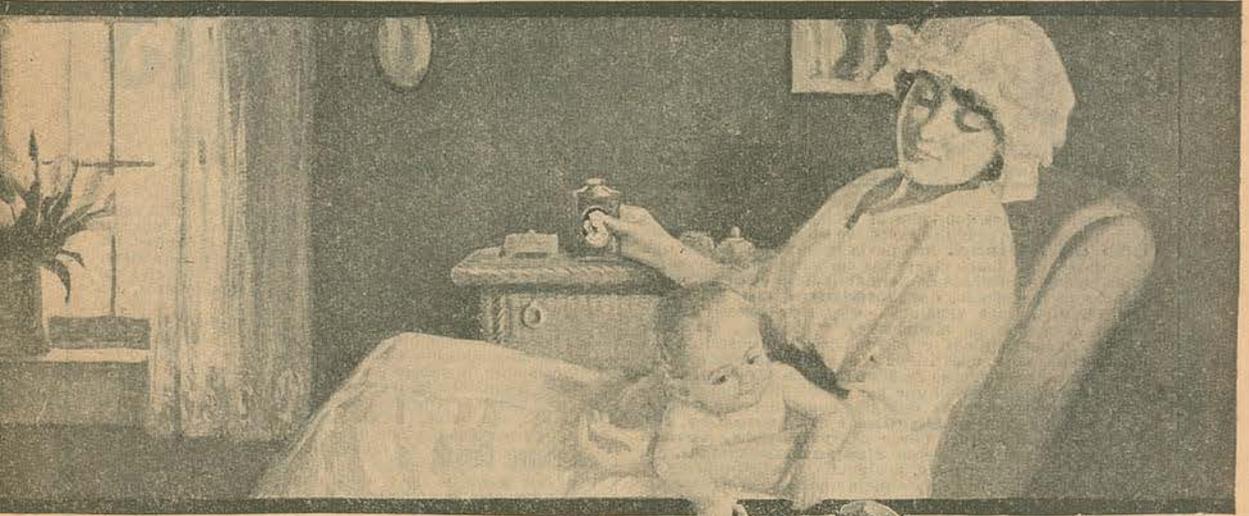
DEPOSITO

120, RUA DA PRATA, 122

OFICINAS: Rua e Largo de Santa Marinha, 24 a 28 e 26 — LISBOA

Telefone 3198

COLGATE'S TALC POWDER



Pó de Talcó Colgate (COLGATE'S TALC POWDER)

Substitue com grandes vantagens o pó d'arroz.

Indispensavel na higiene das creanças e na toilette dos adultos.



Encontra-se em todos os bons estabelecimentos que tambem vendem sabonetes, perfumes, loções, elixires dentifricos, crèmes, etc. d'esta acreditada marca americana.

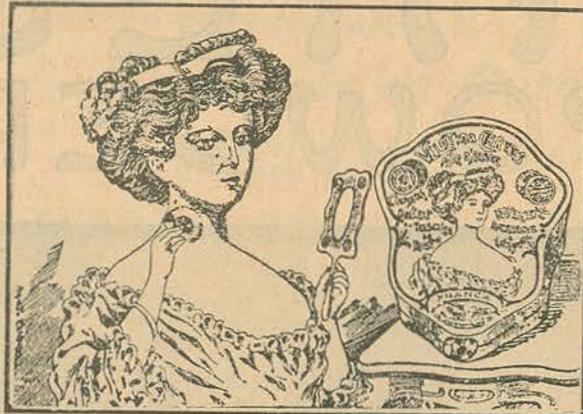
Contra 6 centavos em estampilhas será enviada uma amostra pelos Agentes Geraes.

Sociedade Luzo-Americana DOS ESTABELECIMENTOS

GASTON, WILLIAMS & WIGMORE, LT. DA

Rua da Prata, 145 — LISBOA

Telephone Central 4096



O SEGREDO DA BELLEZA

PRODUCTOS

CHRYISIS

Branqueiam admiravelmente o rosto,
pescoço, peito e braços

Ha multos anos que todas as senhoras portuguezas notavam a falta de productos especlaes para a **Conservação da Belleza**. Não havia um unico nacional que assentasse em bases científicas em harmonia com os conhecimentos modernos de dermatologia e hygiene, e apenas alguns importados dos **Institutos de Belleza de Par.s**, mas vendidos por preços excessivamente caros. A pedido de algumas ex.^{mas} clientes, **Dias & Dias**, farmaceuticos e perfumistas, procederam a um estudo rigoroso, e, após 2 anos de ensaios, puzeram á venda uma magnífica colleção de **Productos Chrysis**.

Todas nos affirmaram que em poucos dias que fizeram uso dos nossos productos (que não constituem uma pintura) viram diminuir as **Sardas** e as **Manchas**, desaparecer o **Cieiro**, curar a **Pytiriasis**, **Acnes** (**Pontos pretos**), e os **Empastamentos**, e a pele adquirir o tom mate, aveludado, elastico e firme.

E mais disseram: «toda aquella que os usar 8 dias nunca mais gastará essa aluvião de productos mal definidos, hoje condenados pela hygiene dermatologica». E assim deve ser, porque uns d'estes tem por base os saes de **Chumbo** e **Zinco**, productos extremamente **Venenosos**, outros **Vaselina**, **Lanolina** e mais corpos **Oleosos**, que, além de exercerem uma acção energica sobre os bolbos pilosos, dando logar ao **Desenvolvimento de pêlos do rosto**, tumefazem as células, não as deixando funcionar, e tornando a pele mole e doente. E ainda outros, tendo por base o **Bismuto**, associado á **Glycerina**, prejudica enormemente, porque todos sabem que o **Bismuto** queima a pele e a **Glycerina** torna-a **Dura, amarelada e enrugada**. Lelam, com muita atenção, as paginas 12 e 14 do nosso folheto. Os nossos productos são:

Agua Chrysis Limpa perfeitamente a epiderme, destroe todos os microbios, aperta lentamente os poros, faz desaparecer as secreções oleosas, cura a pytiriasis, os dartros e o pano do rosto, dá firmeza á pele e impede o seu empastamento. Cada garrafa custa 310 réis.

Leite Chrysis Tem por base **Amendoas**, exerce a sua acção sobre os folliculos sebaceos, aperta a epiderme e limpa-a admiravelmente, dando á pele uma cor ideal. Dissipa as manchas de qualquer cor e fixa o pó de arroz de uma forma invisivel, dando-lhe uma transparencia mate. Cada frasco custa 510 réis.

Crema Chrysis (O segredo da Belleza) Tem por base a cera de amendoas, não contém **Glycerina**, **Vaselina**, corpos oleosos, saes de chumbo, bismuto e zinco ou qualquer outra substancia venenosa e torna a pele fina e aveludada dando-lhe a lura e fresquidão da mocidade. **Cura o cieiro**. É um fixador da Veloutina e resiste inalteravel á acção do sol, calor e humidade. Cada caixa d'este crema, branco ou cor de rosa pallida ou viva, custa 300 réis.

ACONSELHAMOS a todas as senhoras que habitualmente usavam productos de belleza de origem estrangeira, e que presentemente tinham dificuldade em os obter, e ainda atendendo ao elevado preço porque lhes ficam, que usem a pretexto de experiencia, apenas algumas semanas os nossos productos Chrysis, e assim reconhecerão que elles podem substituir vantajosamente todos os de origem estrangeira custando menos de metade d'aqueles.

VENDAS POR ATACADO E A RETALHO, só se efectuam na nossa fabrica, sita na rua do Arco do Marquez d'Alegrete, n.ºs 36, 38, 40, 42 e 44 (á Mouraria), onde se fornecem todos os esclarecimentos relativos á applicação dos nossos productos Chrysis. O nosso telefone tem o n.º 2:377, de que se podem servir para quaesquer perguntas ou darem as suas encomendas, que mandaremos entregar nas suas moradas.

DEPOSITO: No Porto, Grandes Armazens Herminios, R. 31 de Janeiro

Veloutina Chrysis Esta veloutina constitue uma especialidade da nossa fabrica, superior a todos os productos, quer nacionaes quer estrangeiros. Ha branca, rosada e cor de creme e rosa. Cada caixa custa 500 rs.

Tonico Chrysis Para a hygiene do cabelo, penetra as glandulas sebaceas, bolbos pilosos, e o melhor estimulante inofensivo.

Limpa o couro cabeludo, dissolve e desinfecta os residuos da respiração dos poros, secreções sebaceas e oleosas. Destroe os microbios que ocasionam a caspa, a calvicie, o envelhecimento do cabelo e a sua queda. Alimenta o cabelo, dá-lhe vitalidade, fál-o crescer, torna-o brilhante, macio, flexivel e sedoso. Dispensa a sua lavagem e o uso de soda, de sabão, sabonetes, champoo, por lhe serem prejudiciaes á sua conservação. Custa 610 réis.

Sabonete Chrysis Foi fabricado especialmente para completar o uso dos nossos productos. Podemos garantir ser o unico que satisfaz á boa conservação da pele. Tem por base Amendoas naturaes e outros productos cujo emprego constitue uma innovação no nosso fabrico. Cada sabonete 200 réis.

Aviso Prevenimos todas as nossas ex.^{mas} clientes de Lisboa, provincias, Africa, Ilhas e Brazil, que distribuimos GRATIS a todos que assim o desejarem os nossos **FOLHETOS CHRYISIS**, onde descrevemos as causas das **Rugas, Sardas, Manchas, Pano do rosto, Empastamento, Cieiro, Congestões faciaes, Borbulhas, Cravos, Poros abertos** e todos os males inimigos da Belleza e o seu tratamento apropriado. Podendo ir em carta fechada sem indicação alguma exterior a quem assim o pedir.

Dos optimos resultados obtidos com a applicação dos nossos productos, falam as nossas ex.^{mas} clientes nas declarações que tiveram a amabilidade de nos enviar e de entre as quaes publicamos as seguintes:

Srs. Dias & Dias

Venho dizer-lhes que devo a saude da minha pele aos seus magníficos Productos Chrysis, que uso ha bastante tempo e estou verdadeiramente encantada com os seus belos resultados, em tudo superiores aos productos que nos vem carissimos dos Institutos de Belleza francezes; tenho recomendado os vossos productos a todas as amigas que tem em consideração a hygiene da pele.—De V. Palmira Torres. (Do Teatro Normal).

Messieurs Dias & Dias

J'ai l'honneur de vous informer que, depuis deux ans que j'emploie vos produits Chrysis j'en apprécie chaque jour d'avantage les qualités et obtiens du resultat incomparablement supérieur á ceux que j'obtenais avec les produits des Instituts de Beauté de Paris. J'en suis vraiment très satisfaite et considère que votre Crema est merveilleuse pour la conservation de la peau.—d'agrée... Hélène Beauvalet. Rua do Principe—Lisboa.



VELHO NATAL

Aproxima-se mais—o seu vulto quasi roça as paredes sumptuosas da casa. Alguem, pelas vidraças das janelas, viu a sua sombra branca por entre as sombras da noite. Um clamor de festa abalçou a escuridão. Logo as grandes varandas se descerraram, as portas se abriram de par em par e uma

Chove. Pela estrada deserta, açoitada pela agua e pelo vento, o Velho caminha sózinho. Das longas barbas brancas, que lhe descem quasi até á cintura, escorrem fios de neve. Um capuz grosseiro cobre-lhe a cabeça encanecida e hirsuta. A geada, o lodo, a humidade encharcam-lhe o longo capote de burel, que mal o cobre, rasgado pelas urzes e pelos silvados dos caminhos. A mão direita apoia-se, tremula, a um cajado nodoso e sêco, arrancado á lenha de um pinhal—e o hombro esquerdo verga ao peso do ramo verde e frondoso de um pinheiro manso, rescendente ainda de seiva das florestas e dos ninhos. O Velho caminha sempre na noite erma de estrelas, arrastando sobre a lama os pés tropeços e regelados. O vendaval agita-lhe as barbas enormes e os cabelos soltos sob o abrigo do capuz.

O Velho anda sempre. Atravessa montes, planícies devastadas pela tempestade, pontes, azinhagas, regatos e valados. A jornada inclemente parece não ter fim, como a noite imensa e tenebrosa que o cerca. De subito, os olhos caçados do Velho avistam, no cimo de uma colina, um clarão de luzes. Apressa o passo. A fadiga, a fome, o frio gelam-lhe os ossos. O Velho aneja pelo termo da viagem triste; uma pequenina fogueira que o enxugue, um caldo que o aqueça, uma enxeraga que o resguarde.

O Velho sobe a colina e aproxima-se da claridade que o chama. Por entre as cordas da chuva e atravez dos uivos do vento, distingue emfim as janelas iluminadas de um palacio, de onde sae um ruido alegre de vozes.

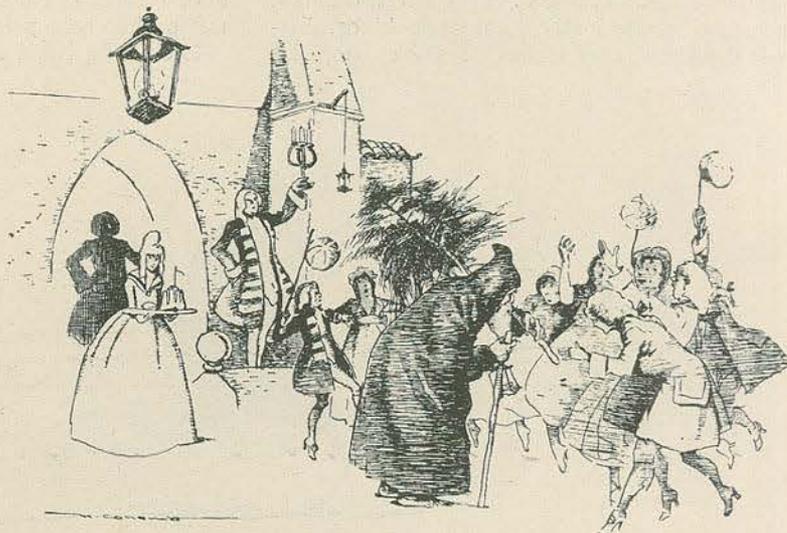
multidão contente e feliz de creanças rosadas, de avós e criados, trazendo lanternas, balões venezianos, guizos e flores, desceu, buliçosa, alvoroçada, ao encontro do Viançante.

—E' o Natal! E' o Natal!

E *bébés*, loiros e inquietos, cercaram o Velho, abraçando-o e estendendo as mãos para os bolsos do capote andrajoso e coberto de neve. Os avós e as mães batiam as palmas em volta das creanças. N'uma longa fila, os criados ofereciam ao Caminheiro bandejas de doces e manjares. Pelas portas abertas, via-se o interior das salas, onde ardia o lume e o ar se embalsamava em perfumes de violetas e frutas.

—E' o Natal! E' o Natal!

Musicas e canções saudavam o Velho exaus-



to pela aspera caminhada. Sobre as mesas ornamentadas com jarras e baixelas, taças de vinhos capitosos exalavam a sua volupia subtil.

—Velho Natal, entra!—disseram-lhe as creanças. Vem brincar connosco que somos felizes e alegres!

—Velho Natal, entra!—disseram-lhe os avós

e as mulheres. Vem sentar-te á nossa mesa e ceiar connosco. A terrina fumegante da sopa, o Perú, as rabanadas, os vinhos mais caros do mundo, esperam-te! Dar-te-hemos um capote novo para te cobrir, uma lareira para te aquecer, um fofinho leito para tu descançares até de madrugada. Velho Natal! Os nossos filhos esperam-te, a ti e á tua arvore, humida de geada, que traz os segredos da illusão...

E o Velho, sem ouvir as palavras que o chamavam, lançou apenas pelas coisas e pelos corações, um olhar amigo e calmo—e continuou.

De novo, mergulhou na noite. De novo, o vendaval lhe açoitou as carnes e lhe encharcou os ossos. A neve voltou a cair-lhe em flocos, sobre o capuz. A mão gelava, amparada ao cajado. Os pés enterravam-se outra vez na lama e sangravam nos pedregulhos da estrada.

Descia agora. Era novamente a planície. Dezembro assobiava por entre as folhagens das arvores, na negridão do descampado. O Velho mal podia comsigo. Caminhou uma legua ou mais. E eis que um noivar de sinos veio alegrar-lhe os passos. O Velho continuou embalado por aquela voz de bronze que repicava a paz e a batisado. Era uma igreja. A multidão apinhava-se e, ao descobrir o Velho, prostrou-se, de joelhos, entoando hinos. Bispos e padres, com tochas acesas e lampadas

flores e murta o chão. Velho Natal, entra!

E o Velho olhou o interior florido da Igreja, sorriu ao Menino Jesus, divino e doce, ao colo de sua mãe, e continuou, com o ramo da arvore misteriosa da illusão, a sua jornada imensa. Atravessou, sobre o largo tronco de um carvalho secular, um riacho, em que a noite bramava; desceu a um açude, onde espadanavam aguas; atravessou um vale soturno e solitario. A estrada terminava ali. Para deante

era um carreiro estreito e triste, esburacado pelo inverno. O Velho meteu ao atalho—e seguiu. Era agora uma aldeia pobre, dormindo sob o sibilar do vento e o chicote da chuva. O Velho passou a uma porta, a outra porta estreita e continuou no silencio da noite. Ninguém o via, ninguém ouvia os seus passos solitarios e pezados chapinhando na lama. E foi então que,

de dentro de um casebre humilde, uma vozita debil e aflita chorou. O Velho ouviu o soluço, cortando, como um fio de neve, a neve da noite. Apurou o ouvido. Era a vozita pobre e doente de uma creança. Pela frincha de um postigo viu as quatro paredes negras do quarto; a palha da enxerga, onde o pequenito chorava; a mesa sem pão e o lar sem lume. O Velho viu na escuridão os brancos magros queimados pela febre e pela fome; o chão sujo pela miseria e pela dôr.

E o Velho Natal entrou, levando ao hom-



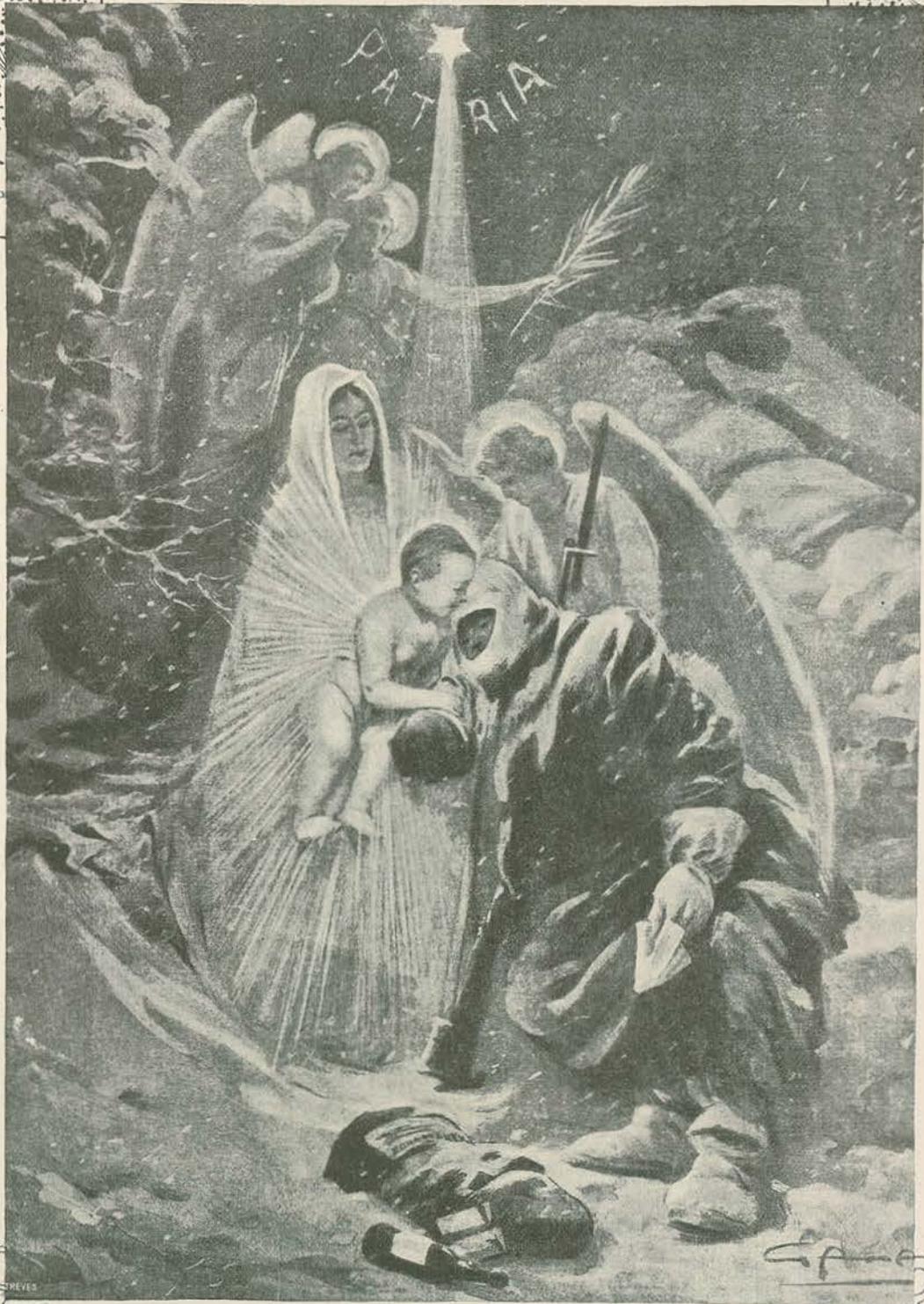
onde se queimava incenso, enchiam as portas do Templo e abriam alas.

—Natal! Velho Natal! Dentro d'esta igreja esperam-te os fieis e espera-te Deus. Acendemos todos os lumes do altar, tapetamos de

bro o ramo verde e frondoso da Arvore da Illusão. E logo a chuva cessou e o vento emudeceu e uma estrelinha de ouro tremeluziu no ceu.

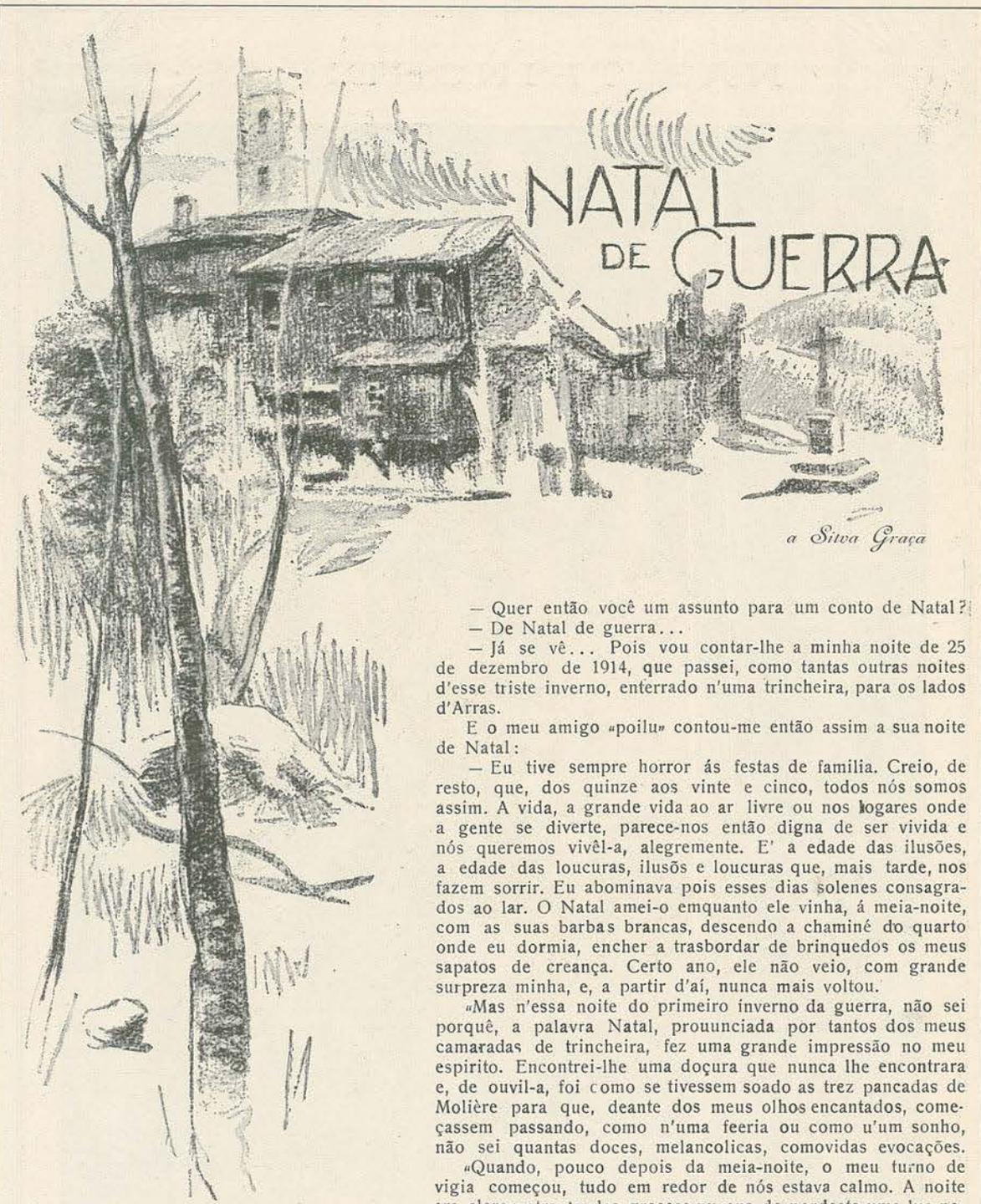
Augusto de Castro.

NAS TRINCHEIRAS



A visão do soldado

(Desenho de G. Amato).



NATAL DE GUERRA

a Silva Graça

— Quer então você um assunto para um conto de Natal?

— De Natal de guerra...

— Já se vê... Pois vou contar-lhe a minha noite de 25 de dezembro de 1914, que passei, como tantas outras noites d'esse triste inverno, enterrado n'uma trincheira, para os lados d'Arras.

E o meu amigo «poilu» contou-me então assim a sua noite de Natal:

— Eu tive sempre horror ás festas de família. Creio, de resto, que, dos quinze aos vinte e cinco, todos nós somos assim. A vida, a grande vida ao ar livre ou nos lugares onde a gente se diverte, parece-nos então digna de ser vivida e nós queremos vivê-la, alegremente. E' a idade das ilusões, a idade das loucuras, ilusões e loucuras que, mais tarde, nos fazem sorrir. Eu abominava pois esses dias solenes consagrados ao lar. O Natal amei-o enquanto ele vinha, á meia-noite, com as suas barbas brancas, descendo a chaminé do quarto onde eu dormia, encher a trasbordar de brinquedos os meus sapatos de creança. Certo ano, ele não veio, com grande surpresa minha, e, a partir d'aí, nunca mais voltou.

«Mas n'essa noite do primeiro inverno da guerra, não sei porquê, a palavra Natal, prounciada por tantos dos meus camaradas de trincheira, fez uma grande impressão no meu espirito. Encontrei-lhe uma doçura que nunca lhe encontrara e, de ouvi-la, foi como se tivessem soado as trez pancadas de Molière para que, deante dos meus olhos encantados, comessem passando, como n'uma feeria ou como u'um sonho, não sei quantas doces, melancolicas, comovidas evocações.

«Quando, pouco depois da meia-noite, o meu turno de vigia começou, tudo em redor de nós estava calmo. A noite era clara; através das grossas nuvens do nordeste uma lua palida de dezembro iluminava a espaços o campo da batalha.

A' nossa esquerda, uma aldeia em ruínas. Em frente e á direita, a perder de vista, um campo sem arvores onde a geada ao luar dava á relva revolta uma côr cinzenta d'aluminio. A dois passos de nós e, além, junto do sulco negro das trincheiras boches, viam-se as redes emaranhadas dos arames farpados.

«Ainda hoje sobre a Terra, milhões d'homens nos afirmam que, n'uma noite fria como aquela, sob um ceu do Oriente que a lenda nos diz carregado d'estrelas, a mulher d'um carpinteiro deu á luz um deus, que vinha crear n'este mundo, onde a miseria desgraçava os homens e o pecado acabava de perdê-los, um reino d'amor e de bondade. Os homens depois mataram-n'o, como era natural que succedesse, porque é da natureza humana esquecer as injurias mas nunca perdoar aos que nos fazem bem. E, perto de dois mil anos mais tarde, os mesmos homens, eternamente as mesmas feras, demoliam com obuzes os templos do mesmo deus.

«A historia d'esse deus e da sua passagem sobre a Terra, longe dos poderosos que ele desprezou, entre a côrte dos humildes que acabaram por trail-o, é um lindo conto que as creanças aprendem

de cór e que os homens esquecem para que o egoísmo e a maldade possam, nas suas almas, mais do que a fé. Eu pensava n'esse conto do Natal e nos primeiros que m'o tinham contado, n'aqueles que viviam em torno de mim quando eu era criança e que, deante da imagem do seu deus crucificado — gente humilde e boa! — orava para que eu pudesse entre as lutas dos homens encontrar o reino da doçura e da paz.

«De repente vi, a umas dezenas de metros, uma forma negra rastejante. Levei a mão ao gatilho da espingarda. Afirmei-me melhor, com receio de provocar um falso alarme. Mas a forma negra avançava... O alvo era difícil; preferi esperar. E, não sei porquê, um terror enorme, absurdo, horrível, apoderou-se de mim. Eu já tinha tomado parte em batalhas, já tinha atacado á bayoneta, já tinha visto muita gente morrer. Mas a ideia de matar aquele homem assim, a frio, pela calada da noite, emboscado como um bandi-



do, fazia-me tremer dos pés á cabeça. Teria querido fugir, sumir-me, desaparecer; teria preferido um milhão de vezes que ele me matasse a mim. Que mal me tinha feito aquele pobre diabo, talvez novo como eu, talvez bom, talvez ávido de viver? Que me tinha ele feito? Era meu inimigo, marchava contra mim, mas como poderia ele evitar de marchar? A'quela hora, n'algunha aldeia d'Alemanha, uns pobres velhos choravam talvez a sua ausencia amaldiçoando esta guerra cruel. Ele era amado talvez e áquela hora a sua noiva suplicaria ao seu Deus para que ele voltasse...

«Uma nuvem mais grossa, tapando a lua, lançou uma uancha de sombra sobre o campo.

O homem ergueu-se. Eu vi-o erguer-se, Ele caminhava a descoberto, resolutamente, para nós. Era um doido ou era um heroe. Por um momento a noite estava escura; mas ele vinha tão perto que eu pude vizal-o bem. E um primeiro tiro partiu. Fechei os olhos um instante, para não vê-lo. Mas, quando os abri, o homem dir-se-ia que parara, mas estava sempre lá, de pé, deante de mim. Atirei de novo, e uma vez, e outra; outros tiros se ouviram vindos da trincheira d'elles, talvez da nossa. O alemão continuava de pé, a sua silhueta negra dir-se-ia mesmo ter crescido. E eu comecei

a ter medo d'ela e a ter medo de mim. Não sei se disparei a minha espingarda vezes sem conta, não sei se gritei, se enoideci...

«Lembro-me apenas de que, quando voltei a ter consciencia de mim, toda a trincheira tinha despertado, os camaradas rodeavam-me. O nascente tingia-se de vermelho. Eram as primeiras claridades da manhã. O frio era cortante. Sobre as ruínas da aldeia proxima, empoleirado, um enorme galo cantava. A alguns metros de nós, ligeiramente debruçado sobre os arames farpados, o cadaver do alemão «continuava de pé...»

— Aí está — concluiu o «poilu» meu amigo — o que foi a minha noite de 25 de dezembro de 1914, n'uma trincheira, para os lados d'Arras. Meta-lhe você um bocado de literatura e aí tem um assunto para um conto de Natal...»

Paris, dezembro de 1916.

Paulo Osorio.

(Ilustrações de Ferreira da Costa),

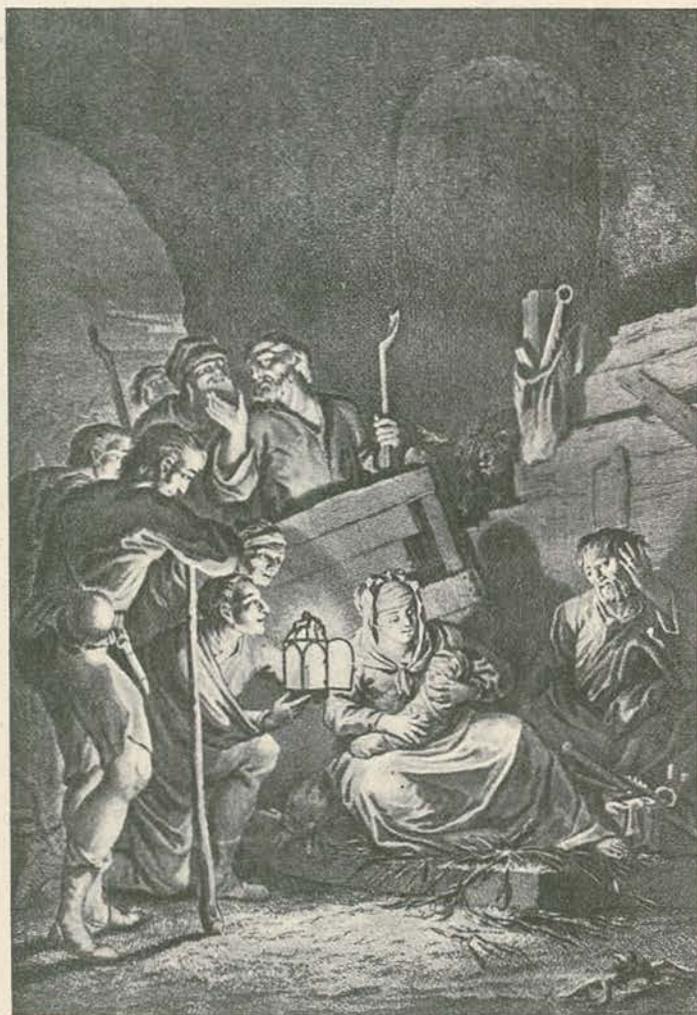


A família sagrada (Fresco de André Del Sarto).

O Natal e os grandes artistas

Ao vasto e riquíssimo campo do maravilhoso devem o pincel e o cinzel as suas mais soberbas criações. Através dos séculos a arte sentiu-se indistintamente arrastada para o paganismo e para o cristianismo; nunca se importou verdadeiramente com scismas, nem lh'os impuzeram. Onde lhe aparecia o belo, ali o ia buscar sem mais preocupação do que a de reproduzi-lo na sua expressão mais humana, mais elevada.

Talvez nenhum outro assunto como o da Natividade a apaixonasse tanto os grandes mestres. O amor de mãe e as graças da infância nunca os haviam ferido sob a encarnação admirável de Maria e de seu filho, Je-



O nascimento de Jesus.

(Gravura de uma Bíblia antiga).

sus da Nazareth! Como eles compreenderam a grandeza moral d'essas duas criaturas delicadíssimas; com que carinho, com que respeito, com que sentimento religioso as ergueram acima da sua própria feição humana, para nol-as impôr á nossa fé, á nossa adoração!

Fizeram muito os evangelistas, como fez a igreja, para que a cristandade se impressionasse o mais vivamente possível do que fôra Jesus na sua infancia e da influencia que n'ele podia ter uma mãe, em que a pureza, a bondade, a grandeza d'alma excediam os apanagios da linhagem real de David. Não ha duvida, porém, de que os grandes artistas não fizeram menos com o seu pro-

digioso pincel. A eles se deve a exemplificação, pela imagem, do que a muitos cerebros não impressionaria por outra forma.

Deitado nas pobres palhinhas de um presepio e bafejado



expressivo, aureolado do que quer que seja que o eleva muito acima não só das miserias do curral onde nasceu, mas ainda das próprias grandezas do mundo que depois se lhe rojaram aos



1. A Virgem e o filho. (Quadro de Botticelli).

2. A Virgem e o filho. (Quadro de Rafael).

3. A família sagrada. (Quadro de Bronzino).

4. A Virgem e o filho. (Quadro de Hans Memling).



por animais; rodeado dos reis que vêm saudá-lo do oriente; ao colo da mãe que foge para o Egypto em cima de um jumento; ou no templo, entre doutores, Jesus é sempre o mesmo amorzinho de creança, de olhar profundamente



A Virgem e o filho com os anjos. (Quadro de Fra Angelico).



A Virgem adorando o filho. (Quadro de Perugino).

pés. E arrei-gou-se de tal forma esta concepção de Jesus como creança que, mesmo na sua vida acidentada de doutrina-dor e nos dias dolorosos da sua paixão, a arte conservou-lhe os traços típicos da candura e bondade dos



A virgem e o filho. (Quadro de Van Dyck)

seus primeiros anos. Desde a humilde pobreza do presepio á aridez lancinante do Calvario, nunca a arte deixou de tratar Cristo com o mesmo carinho de creança.

A figura de Maria é tambem o que ha de mais formosamente idealisado e traduzido em tela. Da arte grega para a romana aparecem-nos muitas vezes alteradas, mal compreendidas, algumas mulheres em que se divinavam individualmente graças e virtudes que o cristianismo reuniu na mãe de Jesus; mas todas as



A virgem e o filho. (Quadro de Ticiano).



escolas conservaram á figura da Virgem as linhas mais puras do seu perfil, os reflexos mais ricos da sua alma cheia de doçura e de misericórdia. E' sempre a mesma creatura, fluctuante entre o ceu e a terra, inspirando apenas sentimentos elevados. Se algum mestre ás vezes se esqueceu, absorvido pelo modelo terreno, e a ia fazendo mais mulher do que santa, a atmosfera indestrutivel de imaterialidade, que a nimba atravez dos seculos, conserva-se sempre muito superior ao alcance grosseiro dos sentidos.

A. M. de F.



3. A familia sagrada. (Quadro de Murillo). — 4. A familia sagrada. (Quadro de Poussin). — 5. A virgem e o filho. (Quadro de Rubens).



O PRESEPIO EM CASA DO LAVRADOR

(Desenho de Stuart Carvalhães).



Prof. Augusto Machado
Ilustre maestro e compo-
sitor.

PRESEPIO

DE

AUGUSTO MACHADO



A adoração dos Magos

(Quadro de Coneggio).

*E os magos lá veem saudal-o
Das terras do Oriente...*

Allegretto 86

pou a pou *crescendo*

mf

Handwritten musical notation for the first system, featuring a treble and bass staff with notes, rests, and dynamic markings like "mf" and "cres".

Meno

Handwritten musical notation for the second system, starting with the word "Meno" and a piano dynamic marking "p".

Handwritten musical notation for the third system, showing rhythmic patterns and dynamic markings.

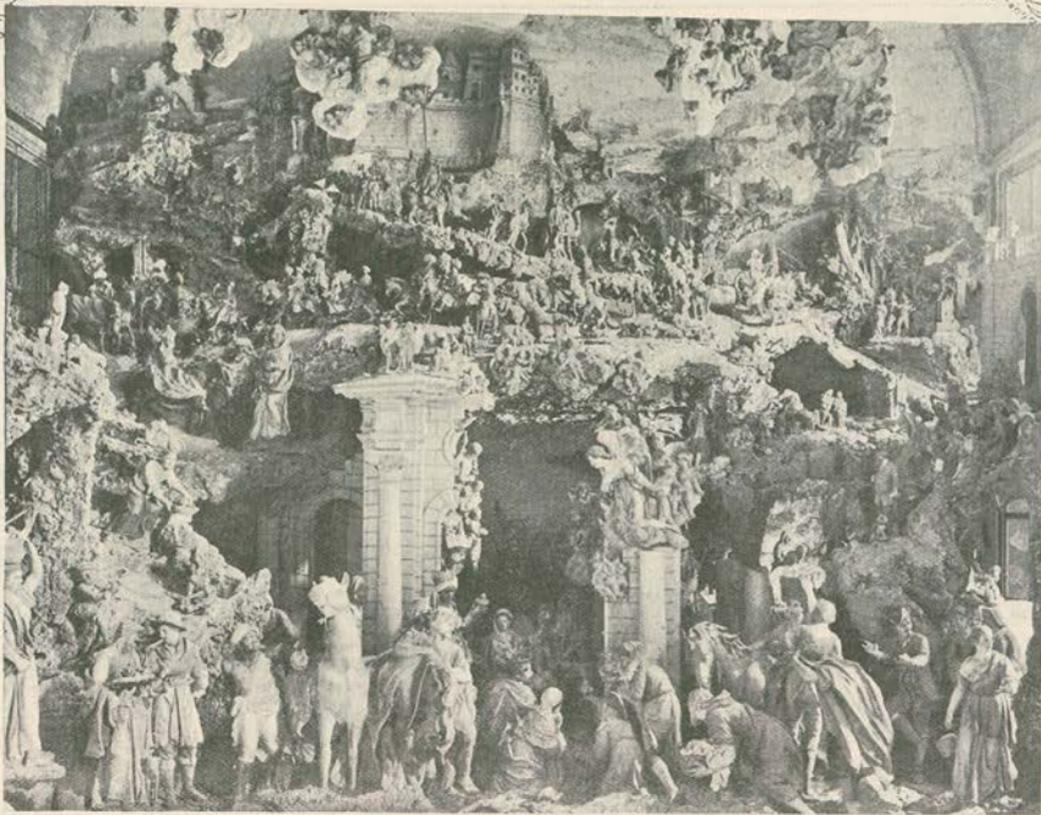
Handwritten musical notation for the fourth system, including markings for "1. Tempo", "poco decelerato", and "mf".

Handwritten musical notation for the fifth system, featuring a "diminuendo" marking and a piano dynamic "p".

Handwritten musical notation for the sixth system, including a "poco rit" marking and a piano dynamic "p".

Natal 1916 *Suy Marchado*

Na famosa
basilica do con-
vento do Cora-
ção de Jesus,
hoje igreja da
Estrela, que a
piedade de D.
Maria I fez eri-
gir como cum-
primento do seu
voto para ser
mãe e assim dar
um herdeiro ao
trono que ocu-
pava, admira-se
o colossal pre-
sepio da Nati-
vidade, obra do
grande escultor
Joaquim Ma-
chado de Cas-
tro, cujo traba-
lho ainda não en-
controu igual,
merecendo, pe-
la sua delicada
conceção, ser
admirado como
uma das mais
apreciáveis
obras do inol-
vidável mestre.
Por todo aque-
le monumento
espalha-se
em figuras



O PRESEPIO DA EGREJA DA ESTRELA

(Cliché Benolle).

de um real
valor e em ca-
pelas de rele-
vos caprichosos
e originalíssimos,
a centelha do enorme
talento do ge-
nial artista, que
não só ali, mas
em muitas obras
que hão de sem-
pre admirar-se
e que estão dis-
seminadas pelo
paiz, se afirmou
de uma forma
eminente-
mente superior e
perduravel.

O presepio
da Estrela, de
que damos uma
cópia fotogra-
fica, impõe-
se, como se vê,
pela magestade
da sua grande-
za e pela na-
turalidade das
figuras que for-
mam os gru-
pos de tão sin-
gular e pre-
cioso
quadro.

LENDAS INGLEZAS



A BRANCA-FLOR DE ASTOLAT

E O CAVALEIRO DA TAVOLA REDONDA

Enquanto o monge William de Malmesbury escrevia as suas crônicas dos reis saxões, outro monge, Geoffrey, de Monmouth, ferrenhamente patriota como todos os galeses, impoz-se a tarefa de escrever as crônicas, não a partir dos saxões, porque não foram eles os primeiros reis de Inglaterra, mas a partir dos celtas seus primitivos habitantes e donos da terra. E sempre que os dados históricos falhavam, o seu patriotismo inventava reis e heróis. E assim, na descrição das lutas entre celtas e teutões, em vez do conhecido heroe do Norte, Uriens, idealizou um do Sul, decendente de Brut, bisneto de Eneas e chamou-lhe Artur. Muitas e em varias linguas tem sido as versões das lendas do Rei Artur e dos seus cavaleiros. E ainda ha pouco, o grande poeta Inglez, Tennyson, aproveitou do livro de Sir Thomas Malory *Morte d'Arthur*, muitas d'elas para os seus immortaes poemas *Idylls of The King*. E ahi nos conta da vinda de Artur, como ele alcançou a sua invencivel espada *Excalibur*, da sua linda Rainha Guinevere, do magico Merlin e dos bravos cavaleiros da Ordem da Tavola Redonda, Sir Bors, Sir Persival, Sir Gawain e outros e acima de todos Sir Lancelot do Lago, principe dos cavaleiros e

seu filho Sir Galahad. Foi este o unico a quem foi dada a ventura de ver o São Graal, vaso de esmeralda onde José de Arimathea recolhera o sangue de Cristo, visão que encerrava a suprema aspiração dos Cavaleiros da Tavola Redonda. E se Sir Galahad o viu foi por ser o unico digno—tanto na força do corpo, como na pureza da alma—palavras que encerram toda a moralidade e significação das lendas inglezas desses tempos. Foi d'um dos poemas de Tennyson, como guia para o argumento, que se resumiu e se escreveu em prosa a historia dos amores de Elaine e Sir Lancelot, objeto do que vae ler-se: (!)

* * *

Vivia feliz e sem cuidados em seu castelo a loura e branca Elaine de Astolat, a quem pela alvura de sua tez e por seu castelo se erguer á beira da lagoa dos lírios chamavam a Branca-flôr de Astolat.

E n'aquella tarde seu pae a mandou chamar para que saudasse um nobre cavaleiro, que, perdido, batera ás portas do castelo, pedindo prousada.

—Quem sois vós, Messire Cavaleiro, que tão nobre ar teendes e me fazeis lembrar um dos da Tavola Redonda de cujos feitos tenho ouvido contar?

—Da Tavola Redonda sou, nobre donzela de Astolat. Mas meu nome não posso dizer-vo-lo, que, por voto jurado, incognito vou ás justas de Camelot. Sabeis, Senhora, que, por ordem do grande Rei Artur se disputará amanhã no nono e ultimo torneio, o nono e ultimo diamante da corôa por elle achada ha anos no vale sombrio de Lyonesse. E como é o mais belo e o mais raro que olhos humanos jamais contemplaram, valioso premio é para esforçados cavaleiros. A essa justa vou. E peço-vos nobre senhora, que me empresteis um escudo raso e aqui me guardeis o meu, que por habito de velha amizade distraidamente trouxe.

—Podeis levar o de meu filho, Sir Lavaine. Ele vos acompanhará como escudeiro se tão grande honra nos derdes, já que, por seus verdes antos, não pode ainda combater por sua irmã, que bem o merecia por sua beleza. (Dizei-me, Messire Cavaleiro, haverá face mais branca e cabelos mais dourados, onde melhor asente tão rara joia com tão alto esforço ganha?

Nada disse Sir Lancelot do Lago, porque era ele o cavaleiro. A cismar se ficou com raro brilho em seus olhos negros, que para mais nobres cabelos estava reservada a preciosa joia. Já oito dos diamantes elle tinha ganho para sua rainha e senhora, Lady Guinevere, a quem amava desde aquella manhã de sol em que, como embaixador, tinha ido ao seu encontro para a trazer a seu noivo, o grande Rei Artur. E por isso, já os murmurios da Corte, outrora exemplo de pureza e lealdade, assoalhavam Rei e Rainha. E nesse dia, quando Artur, reunidos seus cavaleiros, mandou apregoar as justas e Lady Guinevere se escusou por doença, todos se admiraram que ela deixasse de ver os golpes de Sir Lancelot, tão rudes e certos, que até se dizia que tinha magia em seu escudo. Mas ella dissera-lhe:

(!) The Poetical Works of Lord Tennyson. London and Glasgow. Collins' Cler-Type Press.

— Ficae comigo, Sir Lancelot, que por doença não posso ir, e vossa companhia me é mais preciosa que mil diamantes. Dizei que uma das vossas feridas abriu de novo. Ficae com vossa Rainha, Sir Lancelot!

E ele, por amor d'ela, mentiu a seu Rei. Mas bem lhe custou e disse:

— Vergonha para nós e miseria para nossa honra, ficarmos longe de nosso Rei, que confiado no Príncipe dos seus Cavaleiros, lhe entrega a guarda de sua Rainha. Que diremos, se se espalhar nossa deslealdade?

— Tendes razão, Sir Lancelot. Deveis ir. E ireis incognito. E direis ao Rei que propositadamente o fizestes, para que conhecida como é vossa bravura e temidos vossos golpes não se diga que vencestes por magia de vosso escudo e de vosso nome. Escondei-o. Mais pura será vossa glória se vencerdes!

Por isso Sir Lancelot, beijada a mão de sua Rainha, partira por atalhos e desvios para Camelot. E, perdido na floresta, cavalgava para o Castelo de Astolat.

Por isso Sir Lancelot se ficou a cismar quando o nobre ancião lhe perguntou se haveria face mais branca e cabelos mais dourados, onde melhor assentasse tão rara prenda com tão alto esforço ganha... Mas compôs seu silêncio com galante madrigal. E Branca-flôr corou e pensou que mais esbelto e mais galante cavaleiro decerto não aparecia nas justas do diamante do nobre e poderoso Rei Artur.

E quando, recolhida em seus aposentos, recordava a graça com que, a rogo de seus irmãos, o cavaleiro contara das proezas do Rei Artur e dos de sua Ordem da Tavola Redonda, não mais pôde esquecer sua voz. E em seu sonhar acordada, a sua fantasia ouviu e vestiu de galas. Orou, como sempre, mas sua prece foi para ele. E durante aquela noite, se seus olhos se fecharam, foi para melhor o verem. E assim nasceu o amor da branca e loura Elaine de Astolat por Sir Lancelot do Lago, Príncipe dos Cavaleiros da Tavola Redonda. Amor primeiro e amor fatal, que foi ele a sua perdição.

* * *

Mal o sol se tinha descoberto já Sir Lancelot, em seu cavalo de guerra, se aprestava para partir com Sir Lavaine. E erguendo os olhos para o Castelo, de que tão boa hospedagem recebera, em galante mesura saudou, em

despedida, a donzela de Astolat.

— Senhora Minha, a vós deixo meu escudo, que em melhores mãos não ficaria. E de mim, que cavaleiro sou, exigi vosso desejo, que como cavaleiro o satisfarei.

— E' demais para o que sou, de tão nobre senhor exigir minha vontade. Mas vendo que vosso elmo não tem ainda penhor de vossa dama, quereis levar o de Branca-flôr, pobre donzela esquecida em seu Castelo?

— Aqueles que conhecem meu nome bem sabem, «disse tristemente Sir Lancelot,» que nunca em justa ou torneio de guerra levei penhor de minha dama... que a não tenho. Mas indo incognito, e sabendo meus eguaes que a não tenho, melhor esconderei meu nome levando em meu elmo sinal de seu outro. E assim satisfarei vosso desejo que bem o mereceis.

E de suas mãos brancas recebeu um punho escarlata de rendas e pérolas que cingiu a seu elmo. E partiu. E Branca-flôr viu-o partir e subiu á torre do Castelo para por mais tempo o ver, e rezar a Deus para que ajudasse a bem vencer o cavaleiro desconhecido do punho escarlata de pérolas e rendas.

* * *

Soaram arautos apregoando o vencedor que com tão rara bravura derrubara com sua lança príncipes, duques, condes e barões. Seu era o diamante, mas ninguém sabia seu nome, apesar de tão rudes e certos golpes, tão nobre e esforçada aparência a todos lembrarem o Príncipe dos Cavaleiros, Sir Lancelot do Lago. Mandou o Rei chamar o vencedor para que de suas mãos recebesse o prêmio de sua bravura. Mas já Sir Lavaine com ele em seu próprio corseel para um ermitério galopava, que bem mal ferido o levava.

Rude fôra a peleja, tinto de sangue era seu corpo.

Por isso o Rei Artur com toda a sua luzida côrte de cavaleiros e donas, seguidos de seus escudeiros e arautos e passavantes e serventes, voltava a seu Palácio levando o diamante. Triste foi a volta por tão mau fecho de tão celebradas justas.

— Sir Gawain, meu sobrinho, disse o rei saindo de seu meditar, «tomae este diamante e correi selva e vale em busca do cavaleiro desconhecido. Ide e trazei-me novas de quem é, quem é sua dama, e porque esconde sua estirpe!

E Sir Gawain partiu e por lá se demorou sem ver o cavaleiro. Mas tendo parado no castelo de Astolat, extranhas foram as novas que trouxe a seu Rei e senhor. E, tornado, corriam na Côrte rumores, como zumbidos de abelhas:



Sir Lancelot no Castelo de Astolat

«A donzela de Astolat ama Sir Lancelot!»
 «Sir Lancelot ama a donzela de Astolat!»



Sir Lancelot e a Rainha Guinevere.

Apoz muito rogar, conseguiu Branca-flôr de seu pae que a deixasse ir em busca do cavaleiro para cuidar de suas feridas, que melhor honra e dever não havia para nobre donzela. E ao avistar Sir Lavaine, logo lhe perguntou:

— Que novas me daes de Sir Lancelot?

— Como sabeis que é Sir Lancelot?

— Disse-o Sir Lavaine, Principe de Devon, enviado do Rei Artur para que o buscasse e lhe desse o diamante.

— E como sabia esse nobre Principe, se só a mim o disse?

— Seu nome leu nos leões de seu escudo.

— Vinde, minha irmã, cumpri vossa missão.

E de mansinho, como sombra branca, recortando-se no fundo negro do ermiterio, a respiração suspensa, como quem, em decisivo momento, espera fraqueza de suas forças, a donzela de Astolat se abeirou do catre de

Sir Lancelot; e suavemente, religiosamente depoz na mão do cavaleiro o diamante que em desusada mercê, lhe mandava o Rei Artur. E ele abriu os olhos, e no meio da sua febre, viu a mensageira. E pensou em Lady, Guinevere e seu coração se apertou porque leu amor na donzela de Astolat. E ela ergueu os olhos e viu em seu elmo ainda seu penhor, e seu coração se sorriu porque julgou amor em Sir Lancelot...

E durante trinta e três dias se abeirou de seu catre e cuidou de seu cavaleiro. E a cada sol que passava, mais alta punha sua fantasiia.

* * *

— Agradecei á donzela de Astolat e não a mim que seu cuidado vos sarou e não eu — disse o bom eremita a Sir Lancelot, prestes a partir.

«Como lhe hei-de pagar! Como lhe hei-de pagar! murmurou o Principe dos Cavaleiros.

* * *

Do alto da torre, Elaine viu-os chegar, triste Sir Lavaine, palido e triste Sir Lancelot.

— A vós, Branca-flôr, devo meu remedio. Direito tendes de mim que vos torne feliz. Dizei vosso maior desejo, que rico e poderoso sou.

— Meu maior desejo? Olhai que grande é!

— Dizei sem medo. Que depressa o satisfarei, pois tenho de partir já.

— Partir e não vos tornar a vêr?

— Talvez; dizei!

Então n'um repente, Branca-flôr, estendendo innocentemente seus candidos braços, disse: — Grande loucura a minha que vos amo! O vosso amor ou a morte! Tomai-me por esposa!

— Nunca tomara esposa o cavaleiro Sir Lancelot do Lago, disse ele com estranha tristeza. «Tudo voss darei menos amor, que não tenho para vos dar, loira e



O torneio

branca Elaine de Astolat!

— Pois só vosso amor eu quero!

E sem acôrdo a levaram para seus aposentos!

E a pedido do velho Castelão, partiu Sir Lancelot, para a corte de seu Rei, sem dizer adeus a Branca-flôr, que tamanha descortezia em tão cortez cavaleiro, quebraria sua paixão. Mas tal não quebrou. E dia a dia mais branca se tornou a Branca Elaine de Astolat. E de seu mal d'amores se foi finando. Até que um dia, chamando os seus, suas últimas vontades lhes disse. Orando e chorando as ouviram. Chorando e orando juraram cumprilas. E ao sétimo dia morreu... E quaes foram suas vontades adeante se verá.



A visão de S. Graal

Vestida de seda branca, suas louras tranças em corôa, de pérolas e diamantes cravejada, coberta de lírios seu corpo, a transportaram em triste procissão áquela barca, em que feliz e descuidada dera seus passeios por entre nenufares, lírios e açucenas. Governava a barca um velho servo, mudo e surdo, para que nada rompesse o silêncio e misterio da sua última jornada. E mansamente vogou a barca. Passou os lírios, passou os nenufares, passou o canavial e chegou ao salgueiral, d'onde partia a corrente que levava ao Palácio do Rei Artur. E entrando na corrente, lá se foi direitinha, que as aguas advinharam a vontade de Branca flôr. E estando a corte em seus folguedos e Sir Lancelot com sua Rainha, ao longe se viu o estranho ataúde, que tal maravilha era nova de vê-se. Correram a vêr, perguntaram ao mudo, mas só suas lagrimas sabiam responder. Levada a morta em silencioso cortejo pa-



O enterro de Elaine

ra a sala nobre do palacio, notou a Rainha, que bem apertada em sua mão esquerda trazia uma carta. E era para Sir Lancelot que perante todos a leu:

«Meu mui nobre cavaleiro, Sir Lancelot, aqui me vêdes morta por vosso amor que nada quiz do meu.

«A todas as donas e donzelas rogo que oreis por mim e repouso da minha Alma.

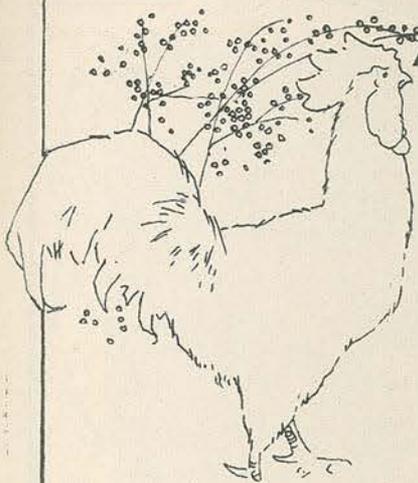
«E vós também, minha Senhora e Rainha, Lady Guinevere, e vós também, meu mui nobre Cavaleiro, Sir Lancelot, orae por mim.»

E pela primeira vez chorou Sir Lancelot e com ele choraram donas e cavaleiros, Rei e Rainha.

Na manhã seguinte, com grande pompa e recolhimento, se fizeram seus funeraes. E atraz de seu pae e irmãos caminhava Sir Lancelot e atraz Rei e Rainha e seus cavaleiros e donas. E a memoria de sua morte para sempre entristeceu o bravo e amargurado cavaleiro do Lago, Sir Lancelot da Tavola Redonda.

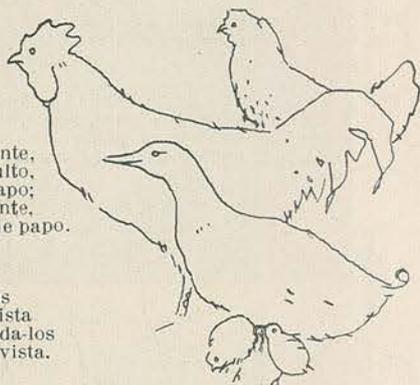
Mario
de
Alemquer

A MISSA DO GALLO



Era uma vez um galo bem falante,
Solene em seu andar, no vulto,
guapo;
Dourado atrás e prateado adiante,
D'estes que quando cantam é de papo.

Presumia de si; os outros galos
Mal se atreviam a baixar a crista
Quando ele se dignava de saudá-los
Por distracção, relanceando a vista.



Julgava obrigação de toda a gente
O preto ás suas raras aptidões;
Traziam-lhe bichinhos de presente,
Limpavam-lhe com herva os esporões...

E explicou que a senhora, em vista, e tal,
Do seu grande talento e magiestade
Decidira no dia de Natal
Dar-lhe ordens, isto é, fazel-o abade.

Os colegas, assim que amanhecia,
Cantavam logo o ceu vermelho e branco;
Pois ha mais de tres horas que era dia
Quando ele abria o bico, bocejando!

Emfim, era um fidalgo respeitavel,
Que, se não descendia em toda a linha
D'um casal de condôres, é provavel
Que o pae fosse aguia macho e a mãe galinha.

Um dia a dona—ó misera natura!
O galo tinha dona!—ao dar-lhe milho
Viu-lhe asçenxundias a tremor gordura
E não sei o que disse para o filho.

O nosso empertigado ouviu apenas
«Natal!... missa do galo...» Viva o luxo!
Então ia ter missa? Deu ás penas
E foi até o pateo, impando o bucho.

A' medida que andava, ás frangaitas,
A tudo o que encontrava, a arder em prôa,
Repetia as palavras exquisites
Que ele ouvira da boca da patrôa.

—«Vou ter missa!» dizia ás borboletas,
Aos lagartos deitados com desleixo,
A's folhas d'hera, ás tristas violetas,
Ao musgo verde emoldurando o seixo...

E a nova foi passando fina e presta
Como um hino subtil a celebra-lo,
Não se ouvindo senão, em ar de festa:
—«Não sabem? vae ter missa, o senhor galo!»

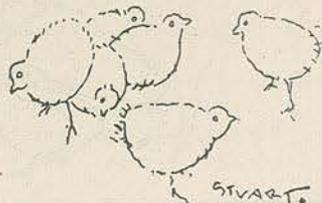
Como, porém, o vulgo, por ignaro,
Não percebesse a frase, cavalheiro
D'esta vez resolveu-se— caso raro—
A descer um bocado do poleiro

Um quarto d'hora e, de candeia acesa,
A criada atravessa o corredor;
Entra na capoeira de surpresa
E agarra pelas azas o prior.

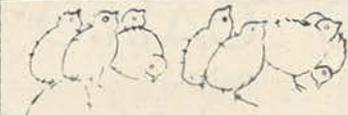
Pondereram-lhe ainda que noss templos
Nunca se vira pena em sacristias,
Mas o nosso rapaz citou exemplos
De galos presidindo a freguezias.

Dezembro, vinte e quatro. Dez e meia.
Noite de neve. O sino a repicaar.
Ranchos cantando passam pela aldeia
A' luz serena e branca do luarr.

O galo ensaia o cantochão sagrado
Que ha de entoar d'ai a alguns minutos;
Em roda o bando escuta embasbacado,
No conhecido pasmo dos maís; brutos.



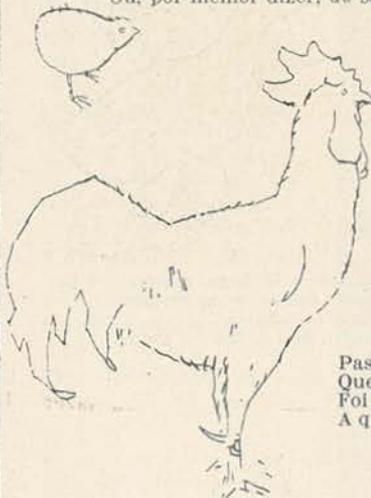
STUART.



Para futuro abade, o nosso amigo
Não achou delicado aquele feito,
Chegou até a protestar consigo
Por tão sensível falta de respeito.

Mas... enfim, são criadas; quando o visse
Com paramentos d'ouro, altivo, egregio,
Faria penitência da tolice
Ou, por melhor dizer, do sacrilegio.

Como devia estar — pensava o bicho —
Formoso o templo resplendendo em lumes!
Jarrões com suas palmas a capricho,
Incenso em nuvens a gerar perfumes...



E tudo á espera para abrir caminho,
Já prelibando a comoção profunda
De quando ele, tirando o barretinho,
Mostrasse ao povo a crista rubicunda!

A marcha triunfal... N'isto a criada
Parou e poz-lhe ponto á fantasia:
O galo olhou em roda, não viu nada,
E achou a recepção um pouco fria.

Se aquilo era a igreja, uma panela,
Aqui uma travessa, além um tacho,
Muito pouco devoto entrava n'ela,
Andava o cristianismo muito em baixo!

Pasmou de tudo, mas a ferramenta
Que mais voltas lhe deu á mente fraca
Foi uma faca enorme e ferrugenta:
A que demonio serviria a faca?

Emquanto ele pensava em tudo aquilo
Os seus com alta grita e modos vários
Iam fazendo, em lisongeiro estilo,
Do celebrado assunto os comentários.

—«São onze e tal», dizia uma sultana,
«Agora o sacristão abre as gavetas,
«E tira a fralda». — «Agora», diz a mana
«Mete ele o doce bico nas galhetas».

—«Agora, a Santos», lembra-se um capão.
—«Ao Dominus vobiscum», diz terceira.
—«Lá recita o principio do sermão
«Com mais puro latim que os do Vieira».

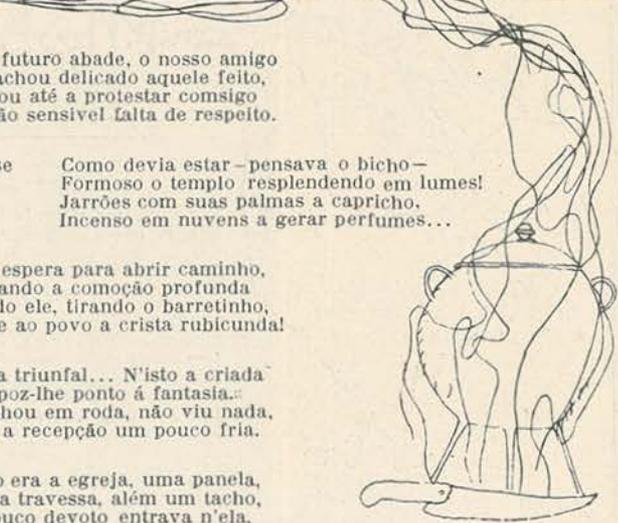
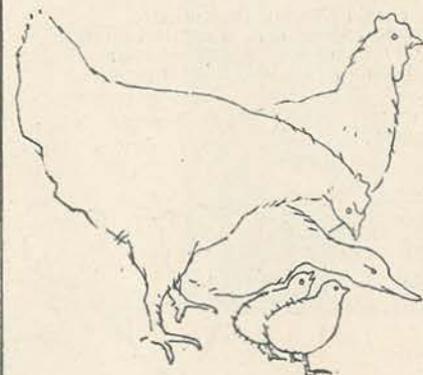
E n'um subir de entusiasmo louco
Afirmam já, dos grandes aos pequenos,
Que isso de abade tinha sido pouco,
Deviam dar-lhe a mitra, pelo menos!

Vinha a manhã rompendo. A bicharia
Mantinha-se acordada e em formatura
A fim de receber como devia
O triunfante heroe d'esta aventura.

Nem um pinto piava: a favorita
Ordenára: Sentido! a todo o povo.
Galinha que estivesse mais afilta
Depois da recepção poria o ovo.

Demorava-se o bicho lá na aldeia;
Não tivessem, porém, cuidado algum.
Aquilo, após a missa houvera ceia...
E ele então que era doido por pirum!

Mas ao bater das sete, que era a hora
Em que a criada vinha dar as sêneas,
Já todos estranhavam a demora,
E corriam ditinhos entre as fêmeas.



Uma d'estas saiu, pelo desejo
De procurar noticias. De repente
Ouviu-se um grito e apoz um cacarejo
A chamar para o pateo toda a gente.

—«Venham cá !venham cá! O meu marido...»
Mais não disse a galinha; em volta d'ela
Todo o bando parára, espavorido,
Parvo, a tremer, de espasmo na moela!

Palida a crista, a palpebra fechada,
Cerrado o bico mudo como um poço,
Jazia uma cabeça ensanguentada,
Separada rentinha do pescoço!

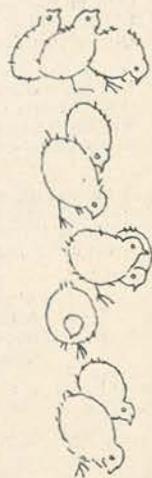
Houve mudez primeiro na assistencia,
Depois uma galinha disse assim:
—«Não era lá de muita inteligencia...
«E até sabia pouco de latim...»

Outra afirmou: —«Achei-o sempre tolo.
«E depois nos conselhos? que desgraça!»
Um frango: «Era fraquito de miolo;
Sou em dizer que envergonhava a raça.»

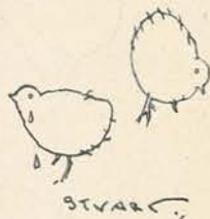
«E feio». — «E mau». — «E então d'uma ignorancia!»
Uma galinha chôca: —«Nulidade!»
«Pois não julgava ter tanta importancia
«Que se lembrassem de o fazer abade?!»

—«Nem sacristêlho quanto mais levital!»
—«Mataram-no? bem feito!» «Malcriadol!»
—«Patife» — «Sem vergonha!» A favorita
Disse apenas que o tinha atraído.

Afastaram-se todos. No levante
O sol abriu as nuvens passageiras
E incidiu na cabeça do pedante
A mostrar o caminho ás varejeiras.



ACACIO DE PAIVA.



STUART



MILAGRE DO DEUS MENIINO

O pae expulsára-a de casa, atirando-lhe com a maldição, e ela fôra esconder a sua vergonha e a sua dôr a uma casinhotinha de colmo, desconfortavel, ao cabo de cima da freguezia. Não houve razões nem supplicas que desarmassem a irritação feroz de João Canhoto contra a filha. Desalmado homem! — lhe chamavam todos. A mulher, condenada ha muito por um cancro no estomago, exorou-o, debulhada em lagrimas, pela tranquillidade dos ultimos dias que lhe restavam de vida; o cura, depois de conselhos e admoestações, acabou por ameaçal-o com a cominação das penas eternas.

Tudo foi inutil. O coração d'aquelle homem, que parecia amar tanto a mulher e a filha, fazendo da felicidade do seu lar o grande aneio da sua vida, enganára toda a gente; tinha a revestil-o uma crôsta dura, denegrida, como a que o mar lhe estampára na tez. O desgosto, travando brutalmente da doença da mulher, arreatára-a em poucos dias, sem vêr a filha. Talvez este golpe, que o lançava n'um completo isolamento, lhe abrandasse a crueza; mas nem sobre a sepultura da desventurada esposa João Canhoto se sentiu tocado da santa influencia d'além tumulo para perdoar á filha.

Pobre Virginia! Quanto não sofreria essa bela creaturinha, que tantas vezes eu vi, ao passar sobre a rocha, entretida com as flores do seu minuscuro quintal, abrigado da marezia por um caniçado! Boa, confiante e ingenua, não se soubera guardar, nem tinha quem

a guardasse. A mãe jazia a maior parte do tempo sobre a cama, n'um novelto de dôres, e o pae andava de fiska nas mãos (por esses calhaus, quando a ressaca não o dieixava fazer ao mar com a canôa.

N'uma noite de natal, ella que havia tanto tempo mal ia um ou outro domingo, toda encapuchada, á missa das almas, ao lusco-fusco, péga no pequenino, que teria uns tres mezes, embrulha-o n'uma manta velha e esburacada, pucha o lenço de tres pontas para a cara, e lá vae descalça, a tiritar, sentindo tambem o corpinho do filho a tiritar contra o peito mirrado, perder-se entre a massa moveiça de fieis que enchiam a egreja, escassamente iluminada. Que iria a pobressinha pedir á

Mãe de Jiesus, a essa mãe que trilhou uma via dolorosa como nenhuma outra, sempre cheia de doçura e de resignação?

Seu pate tornára-se cada vez mais misantropo e sombrio; nem o trabalho o entretinha; á noite, pelas ruas da freguezia, a antiga figura desenvolta do pescador deslocava-se solene, com a rigidez hirta de um espectro. O pae de seu filho esquecera-se, pela California, da sua promessa de reparar o mal; apesar de lhe ter escrito tres cartas, nem uma régra recebera, ainda

que não fosse senão a iludila n'vrais uma vez!

Que ia ella pedir? Nem o sabiza! Uma força estranha a arrastava, a ella, triste: mãe que tão horriavelmente sofria, para junto de outra que soubera tambem o que é sofrer atrozmente. Queria beijar-lhe o filho, querria refrigerar,



n'esse beijo, de fé e de ternura, os labios requemados de longas vigílias febris, elevar a alma, n'um ambiente purificador das miserias terrenas, do seu muladar de dores e de oprobio ao sonho consolador da justiça divina.

Chegou a vez de Virginia ajoelhar no degrau da capela-mór, onde o cura dava o menino Jesus a beijar a sucessivas filas de homens e mulheres, que se acotovelavam para aquela devoção. No momento, porém, de colar os labios á esculturazinha, que era realmente um encanto, sentiu tal comoção, ao ver a expressão terna e compadecida do menino afigurando-se-lhe feita só para a sua dôr, que rompeu n'um grande choro, intercotado de soluços. Fez se um subito alvoroço, seguido de um movimento de viva curiosidade para o ponto de onde haviam rebentado os soluços; mas a pobre rapariga, antes de ser descoberta, ergue-se, com o filho sempre nervosamente apertado ao peito, e sae da igreja, abrindo caminho por entre o povo estupefacto.

Na rua, o frio norte penetrava fundo e doloroso como agulhas. Até as lucilações das estrelas pareciam tremuras n'um céu regelado. Não tardou que Virginia passasse as ultimas casas da freguezia, fazendo por vezes o caminho aos saltos, tão frio era o piso nos sitios empedrados. Quando chegou ao seu miseravel tugurio e ia a bater á porta para que lh'a abrisse uma desgraçada, como ela, que abrigara para lhe fazer companhia, surge-lhe um vulto embuçado cuja presença a fez estacar.

Quiz-lhe parecer que sentira, a largos intervalos, passos atraz de si desde que saíra da igreja; não fez, porém, maior caso. N'aquella noite havia muita gente por todos os caminhos. Depois, que tinha ela mais a recear? Não a fulminara a maior desgraça, que pode aniquilar uma mulher, escorraçando-a do seu lar cheio de amor e de conforto, coberta de maldições, e retalhando-lhe o coração com o desengano mais atroz de um primeiro amor, cego e ardente?

Mas, longe de lhe inspirar terror, o embuçado tinha na atitude alguma coisa de desalento. As do-

bras fortes e o capuz retesado do capote mal a disfarçavam. Os braços distendidos, lassos, como se lhes tivessem arrancado para sempre o que eles apertavam de mais querido; a cabeça pendida parecia ansiosa de um recosto, a que se amparasse de um labutar extenuante.

—Meu pae! exclamou Virginia perante essa estatua da desolação.

—Minha filha! soluçou o velho, encostando a cabeça á da desventurada e cingindo-a, a ela e á creancinha, no mesmo amplexo de piedade e de perdão.



Pelo Natal seguinte, a casa de João Canhoto nem parecia a mesma. O arranjo e a alegria tinham-na transformado. Virginia casara com o pae de seu filho. O rapaz, que havia dois mezes viera da America, não o fez a titulo de de reparação, mas sim, impellido de um afeto que redobrára.

Na vespera, á tarde, estando o pescador a brincar com o neto á porta, passou um companheiro que lhe sabia da falta de crenças e lhe perguntou, por ironia, se fá á meia noite beijar o pé ao Deus menino.

—Lá é que não falto, nem faltarei mais nenhum enquanto vida tiver.

—Como assim? retorquiu o outro, bestificado da reviravolta.

—Olha: o ano passado fui vêr se ele era capaz de fazer um milagre, livrando-me de umas coisas negras que me roíam a alma de dia e de noite e iam dando comigo na cova, aqui, sósinho, n'um pardieiro que se desfazia com o dono, sem ter mão amiga que me feehasse os olhos!

—E ele fez-te o milagre?

—Não o vês?... Ainda o queeres maior e mais completo!... terminou João Canhoto a conversa, pegando no neto ao colo e indo ver os preparativos que a filha, o genro e os serviçaes estavam fazendo para a festa rija d'aquella noite.



A. M. de F.

A INDÚSTRIA PORTUGUEZA

A Fabrica de Chocolates União & Frigor, Lt.^{da}

UMA VISITA ÀS SUAS DEPENDENCIAS

...Como quer que se aventasse diante de nós e do nosso amigo, sr. Martinho Gonçalves, que a industria nacional de chocolates ainda não realisava o ideal de sofrer o confronto com o estrangeiro, o sr. Martinho Gonçalves indignou-se, discutiu e foi resolvida uma visita nossa á sua grande fabrica que ele proficientemente dirige e que é a bem conhecida Fabrica de chocolates União & Frigor, L.^{da}

Na verdade, ele tinha razão em se indignar porque se ha industria portuguesa que tenha progredido é a dos chocolates, tanto mais que tem de casa as materias primas, o cacau — o melhor do mundo — e o assucar. Depois do que vimos n'essa fabrica modelar, ficamos convencidos de que n'esse genero os estrangeiros não fazem melhor, nem apresentam nada de mais perfeito.

Percorremos todo o vasto edificio que comporta, no rez-do-chão o escritorio e a officina de torrefação e moagem; no 1.^o andar, o gabinete do gerente, officina de chocolates e rotulagem e empacotagem; no segundo a officina de *bombons e drops*; no terceiro o armazem de encaixotamento e a expedição; no quarto e ultimo o abundante deposito de materias primas.

Toda esta vasta organização, que emprega centenas de operarios, é dirigida habiíssimamente pelo sr. Martinho Gonçalves, um novo cheio de atividade e energia e dotado d'essa qualidade rara que poderíamos chamar inteligencia cons-

trutiva, pois que ele trabalha constantemente em criar riqueza pelo desenvolvimento espantoso que imprime á casa que está de baixo das suas ordens.

Esta casa que, creada em 1905, sob a denominação de União Industrial Lisbonense, passava em 1916 a denominar-se *Fabrica de Chocolates União & Frigor, L.^{da}* encontra-se instalada em edificio proprio, na rua 24 de Julho, 76, mandado construir pelos proprietarios da Fabrica, experimentados negociantes, dos mais honrados e estimados do paiz, e labora por maquinismos os mais aperfeçoados, por forma, como diziamos, a lutar em concorrência com os mais perfeitos productos suissos, inglezes, francezes, etc., com os quaes não teme o confronto.

Dizemos com tanta maior satisfação quanto contando a *Ilustração Portuguesa*, muitos assisnantes na Africa,

no Brazil e na America do Norte, é indispensavel que eles saibam que ha entre nós uma fabrica que produz artigos que na sua especialidade podem por eles ser elogiados patrioticamente sem desdouro.

D^a nossa visita trouxemos a consoladora certeza de que os portuguezes quando querem trabalhar e têm capitales que os auxiliem são tão habeis como os mais habeis homens lá de fóra. Por isso, enviamos d'aqui as nossas mais ardentes felicitações ao sr. José Martinho Gonçalves, a quem agradecemos o convite que nos fez.



José Martinho Gonçalves

SAPATARIA DA MODA



SÉDE - Aspecto exterior

Acaba de passar mais um aniversário sobre a fundação d'esta casa que a hoje, inquestionavelmente, a primeira da sua especialidade em Portugal.

Fundada em 1892, conseguiu, apoz um trabalho aficadizo, e uma honestidade inatacavel, tornar-se mais e mais a sapataria querida do publico. Tendo concorrido a numerosas exposições, sempre o calçado exposto pela Sapataria da Moda foi o que obteve

os melhores premios e os mais ruidosos triunfos. Pouco a pouco este estabelecimento se grandeceu e hoje os seus proprietarios, sr. Vi-

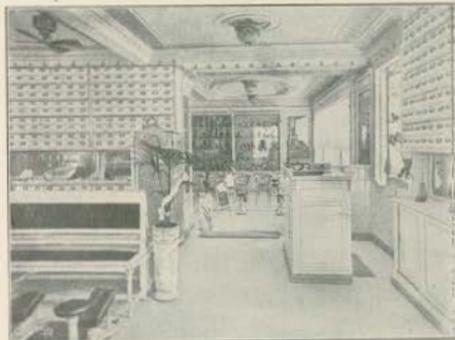
tor Gomes de Pedroso, podem dizer com razao que a sua casa não tem rival entre nós.

Da perfeição do calçado que sae das suas grandes officinas, diz o publico melhor do que nós, preferindo-o.

Dos seus estabelecimentos podemos dizer que eles representam o esforço



SUCURSAL - Rua de S. Nicolau, 47 e 48



SÉDE - Aspecto interior

extraordinario de dois homens inteligentes, que vèem os esforços coroados de exito mais brilhante. A Sapataria da

Moda, como os nossos leitores podem ver pelas fotografias juntas, tem hoje a sua casa principal na rua Augusta, 102 a 108, esquina da rua de S. Nicolau, 61 a 65. Tanto pelo aspecto exterior, como pelo interior, é um estabelecimento moderno, com uma grande conforto e uma nota d'arte que lhe fica bem e diz muito sobre o espirito dos seus proprietarios. É uma casa de suprema elegancia, onde se vêem a toda a hora do dia, as mulheres mais dignas e mais bem vestidas de Lisboa. É escusado dizer que são tambem as mais bem calçadas...

O grande estabelecimento tem ainda uma sucursal na

rua de S. Nicolau, 47 e 48 e uma filial no

Porto, que é uma

das casas de maior clientela de capital do norte. As suas vastas officinas, onde trabalham centenas de operarios e operarias, ficam na rua de S. Nicolau, 2, 27 e o seu escritorio, que tem, nas suas multiplicas ligacoes, todas estas casas, sendo por assim dizer o seu cerebro dirigente, fica na rua de S. Nicolau, 59, 1.º.

Como se vê, trata-se de uma grande e vasta casa, que honra o commercio d'um paiz, pois é uma organização poderosa e acima de tudo produtora de riqueza.

Aos sr. Viçtor Gomes de Pedroso esultamos as nossas saudações por mais este aniversario da sua casa.



FILIAL DO PORTO - 231, Rua S.ª de Bandeira, 233

CHAPEAUX MODÈLES



CASA MIMOSO

Rua do Ouro — LISBOA



**Pedidos aos seus correspondentes
de LISBOA e PORTO,
ou diretamente ao fabricante em LISBOA**

M. B. B. TEIXEIRA

RUA DE S. BENTO, 230 a 236

Telefone 1364 Central

ENDEREÇO TELEGRAFICO: COURAÇA-LISBOA



Miguel José Pereira

GRANDE ALFAIATARIA
“Turco do Calhariz”

— DE —

Miguel José Pereira

Esta casa, que tem presentemente
um “coupeur” habilíssimo,
está apta a fornecer os mais elegantes
fatos e sobretudos

para homem, talhados pelos mais distintos figurinos ingleses.

Grande variedade de fazendas, em padrões de novidade.

PREÇOS LIMITADOS

Largo do Calhariz, 5 e 6 — LISBOA

A JUVENTUDE

Remedio constituido com o uso de sete plantas medicinaes

A JUVENTUDE



MARCA E NOME REGISTRADOS

Faz nascer o cabelo ás pessoas calvas em periodo mais ou menos conforme a idade da calvicie e das pessoas e do grau de vitalidade d'estas, sendo eficaz em pouco tempo no principio da calvice nos individuos de idade não avançada, e onde exista ainda o bolbo do cabelo.

Cura em pouco tempo a queda do cabelo e dá a este um extraordinario vigor, fazendo depois nascer e crescer o cabelo onde já tiver cahido.

Extermina radicalmente a caspa em pouco tempo e dá aos cabellos belleza e saude pujante.

A Juventude é sobretudo um remedio preventivo da calvicie. Quem o usar terá sempre um bom e bonito cabelo. Numerosos atestados comprovam os maravilhosos efeitos d'este excelente preparado.

Provas — Sempre provas — Contra factos não ha argumentos

Importantissimo atestado medico

«João Figueiredo Martins, Bacharel formado em Medicina e Cirurgia pela Universidade de Coimbra. Atesto que, tendo empregado o remedio **A Juventude** dos srs. Valente & Silva, em uma senhora que sofre da inflamação eczematosa da cabeça, em virtude da qual foi, durante mais de um ano, atacada de erisipelas frequentes, tendo como consequencia a queda dos cabelos, obtive como resultado uma grande melhora do eczemo, o afastamento dos ataques de erisipela, o *desaparecimento da caspa e a nasçença de abundantes cabelos*. Parece-me, portanto, que o remedio **A Juventude** deverá sempre ser empregado em casos analogos. E por ser verdade e por me ser pedido, passo este que assino pelos meus graus».

Santa Ovaia, Oliveira do Hospital, 2 de Fevereiro de 1916.

(a) João Figueiredo Martins.

Frasco, 1\$000 réis — Pelo correio contra valores, 1\$160; contra reembolso, 1\$290 réis

Os pedidos do ultramar devem vir acompanhados da respétiva importancia e da despeza do correio e embalagem, que é de 520 réis, de 1 até 6 frascos.

A' venda em todas as boas farmacias e drogarias de Lisboa e das provincias e no

Deposito geral: CASIMIRO R. VALENTE

Rua da Boa Vista, 6, 8 e 10 — LISBOA — Telefone 3:296

DESCONTO AOS REVENDEDORES — COMPRAM-SE FRASCOS VAZIOS

Fabrica de Pomadas para calçado

DE

JOÃO DIAS DA SILVA

Pomadas finas para calçado de luxo, esmeradamente preparadas.

Graxas e crèmes para toda a classe de calçado

Pedir em toda a parte as magnificas pomadas:

"Gioconda", "The Parrot", "Miroir", "Guyana", e "Zenith"

As unicas premiadas no mostruario industrial na Sociedade de Geografia

TELEFONE 3825 C. Rua do Vale de Santo Antonio, 81 — LISBOA

Latoaria Portuguesa

Fabricação mecanica de embalagens em folha lisa e estampada

AUGUSTO DUARTE

TELEFONE 3825

Bonitos modelos de latas para chá, café, manteiga, cacau e mais generos de consumo e exportação. Especialidade em latas com tampa de pressão para tintas, pomadas, frutas, produtos farmacêuticos e industriaes.—Talhas e bilhas em todas as dimensões—Embalagens completas para exportação d'azeite, frutas, farinhas, conservas, etc.

Gasometros para luz acetilena—Modelo aperfeiçoado—Exclusivo d'esta caasa
Preços moderados—Execução perfeita e rapida

60, RUA DOS CAMINHOS DE FERRO, 62

LISBOA

COMPANHIA PORTUGUEZA
DE
PHŌSPHORŌS

Sociedade anonyma de responsabilidade Limitada

CAPITAL

4.500.000\$00 Escudos

Dividido em 100.000 acções do valor de 45 escudos

CONCESSIONARIA

Do exclusivo do fabrico de phosphoros e isca, no continente
do paiz e ilhas adjacentes

REVENDEDORES GERAES:

EM LISBOA: Nogueira Marques & C.^{ta}

RUA DA ALFANDEGA, 92

No Porto

Alves Macedo & Borges, Suc.

67, RUA DO BOMJARDIM, 69

**CIGARROS
DE ABYSSINIA
EXIBARD**

Sam Opio nem Morphina.
Muito efficazes contra a

ASTHMA

Catarrho — Opressão
e todas affecções espasmódicas
das vias respiratorias.

35 Annos de Bom Exitto. Medalhas Ouro e Prata.

H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^o
8, Rue Dombasle, 8
PARIS
E BOAS PHARMACIAS

FOTOGRAFIA

Rentlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre
PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 422-09 ASCENSOR

Lêr na proxima quarta-feira o

Suplemento de MODJAS & BORDADOS
D'O SECULO

*Secções de: Modas, Correspondencia, Figurinos,
e Bordados.*

INTERESSANTES CONCURSOS

TRABALHOS TIPOGRAFICOS

EM
TODOS OS GENEROS

Fazem-se nas
OFICINAS
DA
"Ilustração Portuguesa"

R. DO SECULO. 43—LISBOA

CHA HORNIMAN

O passado, o presente e o futuro

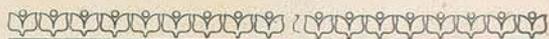


REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA

MADAME
Brouillard

Diz o passado e o presente e prevê o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparável em vaticínios, quíromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações práticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimen-

tos que se lhe seguiram. Para portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-lota)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis



PARA ENCADERNAR A

Ilustração Portuguesa

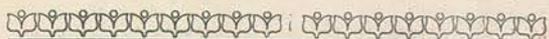
Estão a venda bonitas capas em percalina de fantasia para encadernar o primeiro semestre de 1916 da «Ilustração Portuguesa». Desenho novo de ótimo effeito.

Preço 400 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-se para qualquer ppono a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou ordens postaes. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

Administração d'O SECULO

RUA DO SECULO, 43
LISBOA



TUBERCULOSE

cancro, anemia, flôres brancas, linfatismo, raquitismo, escrofulas, crescimento irregular, fastio, azia, magreza, palidez, debilidade, prostração fisica, fadiga cerebral, doenças mentaes, insonias, neurastenia, asma, bronquites cronicas, gripe, paludismo, diabetes, suores nocturnos, perdas seminaes, convalescença, escarros espessos, febres, falta de regularidade nas menstruações e em geral **todos os casos contra que se empregava até agora o Histogene**, as emulsões, o ferro, as pastilhas para gente palida, kolas, glicero-fosfatos, etc., e que são todos aqueles que tenham resultado de enfraquecimento, ou que possam enfraquecer.



CURAM-SE RAPIDAMENTE COM O

Histogenol NALINE Com o selo VITERI

(O antigo Histogene aperfeiçoado pelo dr. A. Monneyrat, da Academia de Paris)
[NO INTUITO DE ASSEGURAR EFEITOS MAIS RAPIDOS]

Em qualquer das suas formas — ELIXIR, GRANULADO, AMPOLAS E PASTILHAS. Salvo outra indicação medica, usar de preferencia o Elixir. PODE USAR-SE TANTO NO INVERNO COMO NO VERAO

«Quem tem de empregar **violento esforço**, em trabalhos fisicos ou mentaes, sports, marchas prolongadas, vigalias, estacionamento em locais insalubres ou em climas adversos, **deverá preparar o organismo com a força de resistencia** que se adquire usando **este prodigioso creador de sangue e de musculos**, o unico que foi objeto de **cinco comunicacões** a institutos scientificos de França, e entre elas de **duas theses em atos de formatura**. Na impossibilidade de analisar todos os frascos de **origem duvidosa**, que tem aparecido á venda, **SO' CONSIDERO VERDADEIRO PARA A VENDA EM PORTUGAL E SUAS COLONIAS** o que tiver bem visivel sobre a caixa o selo com a palavra registada — VITERI — a vermelho sobre preto. Recusar todo o que não tiver essa garantia, e pedir diretamente ao deposito central, ou comprar em algum dos locais seguintes: — Farmacia Barreto, Loreto, 28; Pimentel & Quintans, R. da Prata, 194; Estacio, Rocio; Silva & Neves, Rua da Prata; Farmacia Peninsular, R. Augusta.

O MAIS NOTAVEL REVIGORADOR CONHECIDO.

DEPOSITO CENTRAL:

VICENTE RIBEIRO & C.^A

Sucr. João Vicen e Ribeiro Junior
RUA DOS FANQUEIROS, 84, 1.º DIREITO
LISBOA — Telefone 2455

Frasco para 20 dias, 1\$85.

Frasco para 8 dias, 1\$25.

Para fóra de Lisboa, dentro da metropole, mais 20 centavos para porte e embalagem, até 5 frascos.

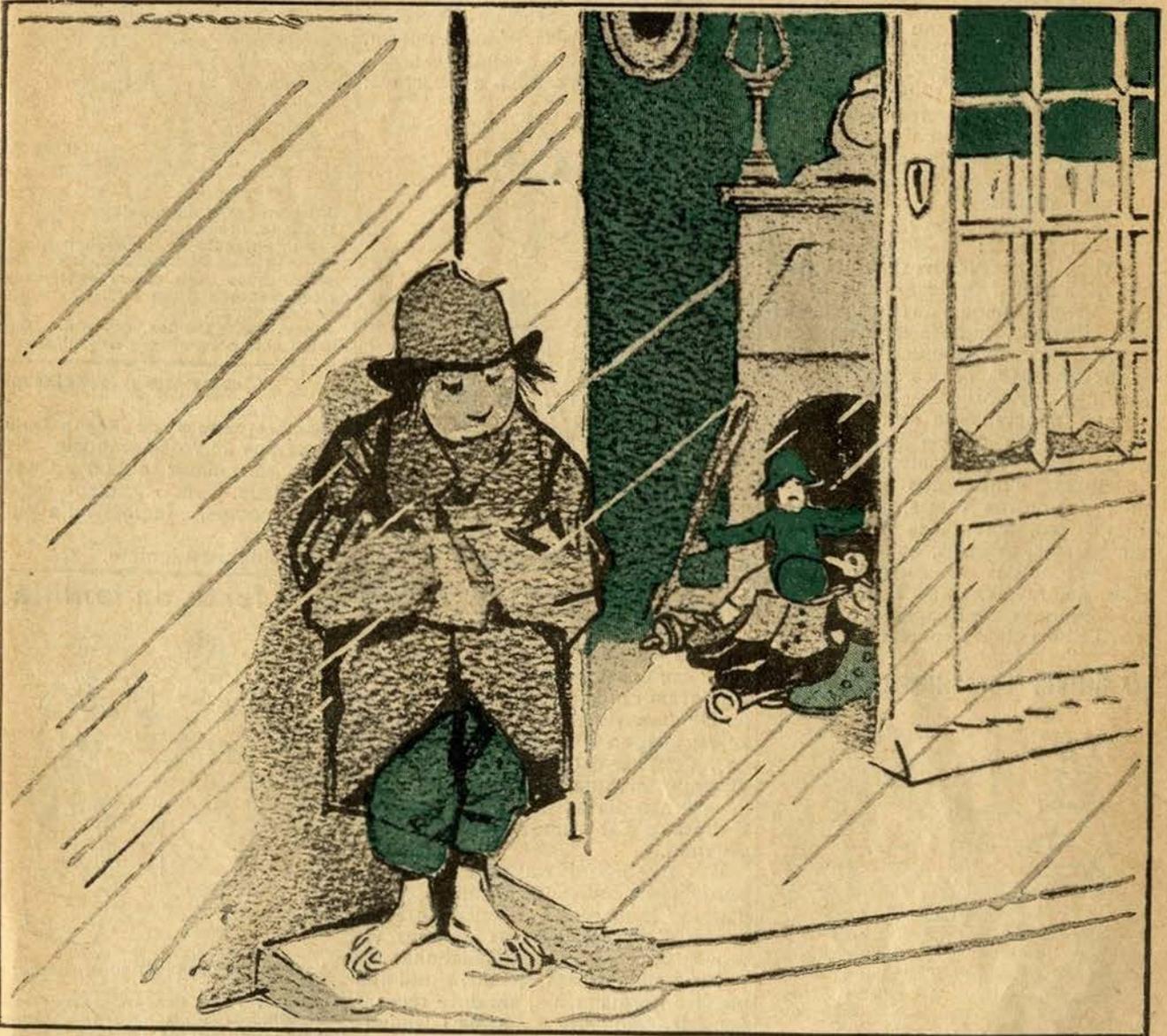
Fazem-se remessas contra reembolso



Editor: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTÁ

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—RUA DO SECULO, 43—LISBOA

O Natal dos nús



*A criança pobre, espreitando as crianças ricas:
—Se eu tivesse sapatos tambem o menino Jesus me tinha dado brincados...*

PALESTRA AMENA

A consoada, etc.

Lindo costume o de se juntar toda a familia na noite do Natal, em refeição comum, novos e velhos, os que estão longe e os que estão perto! Nas grandes cidades desconhece-se, em geral, esse quadro, ou não se lhe atinge a beleza; mas na aldeia, nas pequenas povoações provincianas, ele desenha-se em toda a sua simplicidade, com a encantadora significação que possui, de amor, de fraternidade, de paz.

Nos centros populosos e modernos são outros os quadros a que o Natal dá origem: a arvore dos brinquedos, os brindes do Menino Jesus nos sapatinhos... N'estes, é principalmente a festa das crianças, também deliciosa, sem duvida; mas na aldeia a festa é igualmente dos velhos, os quaes não são menos de acarinhar do que os pequenitos.

Entretanto, este ano a consoada como as outras cenas comemorativas do divino nascimento, não tem talvez o brilho habitual; pelo menos, certa viuva nossa conhecida, que todos os anos via, na noite do Natal, rodeada a sua mesa pelos netos e pelos filhos, sabemos que se encontra d'esta vez sózinha ao pé da grande lareira onde antigamente crepitavam com alegria os toros de pinho, e que se alguma coisa ceou, foram as proprias lagrimas, porque de filhos e netos só recebeu cartas tristes desculpando a não comparencia; as dificuldades da vida, os preparativos para a guerra, a ansiedade de noticias...

E sabemos também de casas remediadas, cidadinas, onde se erguiam n'este tempo arvores abundantissimas de quinquilharias, para centos de crianças, e que hoje, por obrigada economia, que ricos e pobres tem de observar, só parcamente as podem distribuir. E o menino Jesus? Esse, também deixou de contemplar muitos dos seus amiguinhos dos outros Nataes; de alguns visitou os sapatinhos, mas os brindes foram baratos, caseiros, bonecas de trapos, preparadas ás escondidas por mães amováveis, soldaditos de chumbo comprados em capelistas pobres, pouco ou nada da opulencia anterior.

O Kaiser comemora o Natal



Para os seus generaes:

—Senhores: como bons cristãos procuremos imitar qualquer dos grandes vultos que se tornaram notsvéis por ocasião do nascimento de Jesus Cristo.

Herodes, por exemplo, que foi o mais kulto d'aquella epoca...

Boa ocasião, entretanto, para uma lição de humildade ás crianças; os paes explicar-lhes-hão que o Menino Jesus, nascido em palhas, não pode deixar de ser modesto nas dadas—e ás que nada receberam e estranharam o facto, contar-lhes-hão que o dito Menino, como ainda estão frescos os ultimos acontecimentos revolucionarios e a suspensão de garantias, não se atreveu a sair depois da meia-noite, não tanto pela prisão a que se arriscaria, como por não poder pagar na Boa Hora a quantia de 10\$54,5.

JOSÉ NEUTRAL.

O sulfidrico

O Natal em Lisboa foi terrivel, dando-se uma crise só ha pouco explicada. A principio atribuiram-se os acontecimentos que passamos a revelar, ao nervosismo produzido pelo estado de guerra, agora, porém, sabe-se que é devido a causas internas, ou antes, intestinaes.

Passemos a contar.

Em casa do Lopes foram despedidas quatro criadas em quatro dias successivos. As raparigas portavam-se excelentemente até á noitinha. A' hora, porém, de se acender o gaz, a esposa do Lopes ia á cosinha, tapava o nariz e berrava:



—Então que maneiras são essas?! Já fóra da minha casa!

O Antunes e a mulher, que são os esposos mais unidos d'este mundo e não tem criada, por pouco se não divorciaram no começo do mez corrente. De dia viviam como Deus com os anjos; quando o Antunes ia a abrir o gaz, a mulher declarava que o não podia suportar, que quem tinha aquella doença não devia estar ao lado de uma senhora, e d'aí a ameaça do divorcio proximo.

Mas o peor foi em casa do Silva, porque ali a injustiça chegou á crueldade. E' numerosa a familia do Silva e além d'ela, em convívio fraterno, vivem duas criadas e uma cadelinha.

Tambem em casa do Silva tudo se passava normalmente, em doce recreo familiar, emquanto o dia não declinava. Acesos, porém, os bicos de gaz, a discussão acalorava-se:

—Foste tu! exclamava o Silva, para a mulher.

—Eu? ó filho: só se foram as pequenas!

Estas indignadas:
—Nós, graças a Deus, não estamos rotas. Só se foi o mano!

Este, apontando para as criadas:
—Foram estas enxovalhadas, é que foram!

As criadas:
—Crédo! Foi a *Niniche*, que não bem conhecemos pelo cheiro!

Resultado: a infeliz *Niniche* apanhou uma sova monumental de toda a familia, e o Silva ainda agora estaria aos pontapés á cadelita se não apparece o homem do jornal com o *Seculo*, edição da noite, onde ele leu a revelação de que a Companhia do Gaz estava envenenando o publico com acido sulfidrico canalizado,

Voltou o socego ao seio das familias, mas impõe se uma desinfecção rigorosa aos diretores da companhia e o isolamento n'alguma charneca afastada da capital, enquanto estejam desarranjados dos intestinos.

A pobresa de Nossa Senhora



N'uma igreja da aldeia.
O abade, prégando:
—Que exemplo de pobresa e humildade nos dá a Sagrada Familia, meus amados irmãos! Como fugiu Nossa Senhora para o Egipto? montada n'um burro arriscando-se a ser apanhada.
Notaes, meus irmãos, que não tinha o nheiro nem para alugar um automovel!

Correspondencia

Mestre-escola de Peras Ruivas—Os versos de vossa senhoria—*Oração*—não são maus; pecam apenas pela quantidade. Com o pequeno espaço de que dispomos, é impossivel a publicação.

Mude de pseudonimo.

A festa da familia



A dona da casa dando cinco mil réis á criada:

—Toma; vae á Praça da Figueira e trae um peru, um pato, uma ave qualquer, seja por que dinheiro for. Sempre é a festa da familia!

De aí a duas horas a criada, de regresso:
—Aqui tem, minha senhora.
—Mas isto é um pardal!
—Por cinco mil réis foi a unica ave que se pôde arranjar!

CONFERENCIAS CIENTIFICAS

(Para uso dos alunos dos liceus)

Herodes

A proposito do Natal, meninos e meninas, vou agora falar-lhes de uma figura historica que certamente muito os tem aterrado, pela sua crueldade aplicada ás crianças: refiro-me a Herodes, governador civil da Judeia, provincia pertencente a Roma, antes da guerra atual e de outras anteriores a esta.

Não conheci Herodes pessoalmente, nem tal coisa me peza, porque me consta que era individuo de ruins costumes; d'ele se conhecem alguns atos que denotam grande ferocidade, entre eles o da matança dos innocentes, que é o que nos ocupa n'este momento.

Havendo Herodes recebido do governo central um telegrama participando-lhe, que, segundo a denuncia de certa parteira, estava para nascer brevemente na provincia a seu cargo um menino com todos os indícios de vir a ser revolucionario civil, e recomendando que providenciasse convenientemente, o patife não achou meio melhor de evitar o acontecimento do que mandar degolar todas as crianças recém-nascidas. Parecia alemão, o maroto!

Felizmente S. José, pai do futuro revolucionario, na sua qualidade de membro das associações operarias, tinha a sua policia excelentemente montada; assim, a ordem de Herodes foi-lhe transmitida pelo telefone, por um colega carpinteiro que trabalhava nas obras do paço e logo o santo resolveu fugir com a esposa e com o filho para onde não chegasse o poder de Herodes; por isso escolheu o Egipto e por ser excelente o caminho, todo em linha réta, na frente do nariz, sem o empecilho do canal de Suez, que então era um istmo insignificante, e sem lamas na estrada, de areia, em grande parte da sua extensão.

E' certo que a fuga se efetuou n'uma simples burrinha, mas a escolha do meio de transporte, á primeira vista comprometedor, foi mais uma manha de S. José: quem se lembraria de que a fuga, em vez de se fazer em comboio, seria feita em jumenta? Assim, a policia de Herodes, tendo partido no rapido para a fronteira, foi facilmente codilhada: a vigilancia fez-se apenas nas estações *terminus* do caminho de ferro e não nos caminhos vicinaes.

Com a falencia das suas providencias entrou com Herodes uma doença que deu que fazer aos medicos; examinaram-lhe o cerebro com os raios X, vacinaram-o contra varias enfermidades possiveis e só diagnosticaram a neurastenia aguda quando esta se manifestou com toda a evidencia.

Não nos diz a historia que fim levou Herodes, porque a censura romana era muito rigorosa, mas hoje sabe-se positivamente que se suicidou com um tiro de revolver.

Não se perdeu nada.

Bonaparte

(Aluno do Liceu Camões).

EM FOCO



O Menino Jesus

Vêde que estranho e misterioso fado
Presidiu ao divino nascimento
Pois tão alto Menino, um tal portento
Foi dado ao mundo n'um curral de gado!

E logo, desde o rei mais sublimado
Ao zagal mais humilde e lazarento.
Uma estrela guiou do firmamento
Por que fossem brindar o recém-nado!

Mas o que mais assombra no presente
E' que ele dedicasse igual carinho
Ao pastor e ao monarca onipotente,

Pois, entre o mais valioso e o mais mesquinho,
As joias afastava brandamente
Para afagar o pobre cordeirinho...

BELMIRO.

Critica

D'um jornal, a proposito do desempenho do *Infante de Sagres*:

«Carlos de Oliveira, no primeiro ato, disse com entusiasmo e suavidade a patriótica *tirada* de Gonçalves Zarco.»

Nós, se tivéssemos um jornal por nossa conta: não admitiriamos redatores teatraes atacados de surdez. E' uma doença muito comprometedora.

O Faustino e o Natal



Faustino da Fonseca pára á porta d'uma capellista, onde está exposto um presepio.
—Que é isto? Um Menino Jesus?
Despedaçando-o á bengalada:
—Toma, que é para não tornares a nascer no ano que vem!

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Amétade dun anjo

Este Natal tanho inxido u papinho: prumero nu *Nassional*, uma pessa touda ingrassada, xamada *U filho predido*, ós pois, no *Republica*, oitra, touda triste, *U alifante de Çagres*. De modos que cando quero istar alegre vou intê ó *Nassional* i cando o corpo me pede larguima vou intê ó *Republica*.

U filho predido é acim: u Inasio, que tem uma fábrica, cando era rapaz deu á lus u Albuquerque i um dia deulle tal iscumpostura cando u istava a insaiar para uma résitá damadores cu piqueno fugiu prá America. Arrependeu u Pinheiro i foi ter com u Inasio —ca gora aparese casado com a Lusinda du Carmo—i pediule para procurar o Albuquerque. Logo o Pinheiro mandou butar pergão lá na America: —A' por aí algum Albuquerque ó óços que vendam?

Não á; mas como o Lois Pinto é a cara do Albuquerque iscrita i escarrada, u Ignasio apresentao ó Pinheiro cūmo ce foce filho deste i ele acim u grama. U pior é cu Pinheiro tamem tem uma filha—i é capaz de ter mais cem a jente caber, u maroto!—que é a Lianor i logo u Lois Pinto ce apaichona pur ela, u que nan ademira nada porque aquilo ce vir um varapau com çaias apaichounace logo. Um dia aparessem o berdadero filho i a mulher deste i lá ce ispluca tudo, casando u Luis com a Lianor, esta deichando u Calros Cantos, que está pateta por ter feito o Pedro Crú, i acabando a pessa com muntos apelausos que deus queira ce repitam durante muntas noites porque o tradotor é meu amigo i pericisado de jeneros alimentissios.

U alifante de Çagres é a istoria do Ferrera da Silva cando deichou murrer o irmão em Tanger çó pra não intergar Seuta ós moiros. Pur esta pessa ficamos çabendo cus çverdaderos praiotas devem cer virjes touda a vida, pur mais cumixões ca Luz Beloso les fassa, não devem fazer caso das iscumpostura das Angila Pinto nem ter amôr á familia.

E' tambem boa pessa i pur ela dou os perabens ó otor, Jaime Cur... (aqui interveio a sinsura). E' um ome que meresse touda a concidração pella çua obra e pur ter iscrito tanto berço; u pior é que com a mania que tamem tem u Marçulino, de meter curasões nas pessos, vem contribuir pró ómento du presso da vaca, que já custa us olhos da cara.

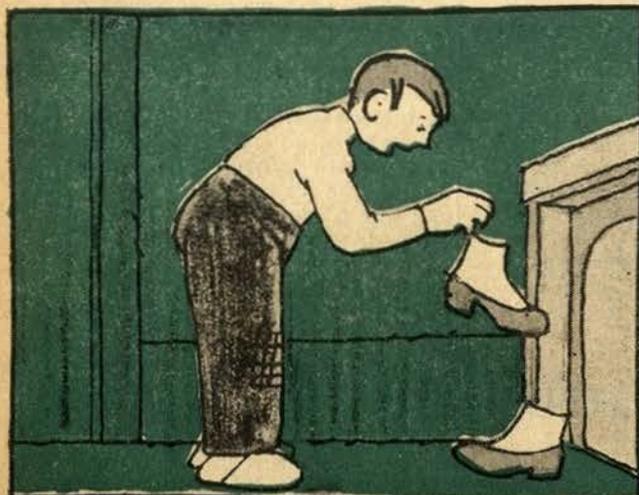
Isculpa nan te fazer a discrisão mais completa mas é caje meia noite, tanho de levar este orjinal á tipografia i ce ós pois da meia noute a polissia manpanha na rua perendeme, porque nan tanho insendio em casa, nem peçõa duente nem vanho du cumboio.

Abrassate o teu

Jerolmo

Emprezario do Pauillama de Peras Ruivas

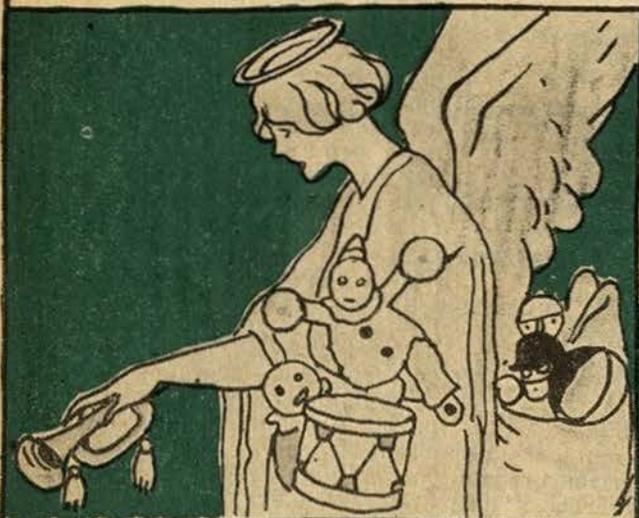
OS SAPATOS DO MANECAS



1.—O Quim, de quem o menino Jesus é muito amigo, põe as botas na chaminé, na noite de Natal.



2.—Mas o Manecas, sem o Quim dar por isso, tira-as, metê-as na carvoeira, e substitue-as pelos seus sapatos.



3.—Chega o menino Jesus, dá pela troca, dirige-se à carvoeira e coloca os brinquedos nas botas do Quim.



4.—De manhã Manecas corre à chaminé e vê que nos seus sapatos ha apenas vestígios da visita do cão Piloto.



5.—Quim corre tambem à chaminé e não encontrando as botas chora desesperadamente.



6.—Mas, como é ele quem prepara o almoço, vae de aí a pouco à carvoeira e dá com os presentes do menino Jesus, que assim quiz castigar os meninos invejosos, como o maroto do Manecas.